
JORNAL DE COIMBRA.

ABRIL DE 1814.

Num. XXVIII.

Parte II.

Dedicada a todos os objectos que não são
de Sciencias Naturaes.

ART. I.—

BREVE TRATADO DE MINIATURA.
OBRA POSTHUMA

DO

BACHAREL JOSÉ MENDES DE SALDANHA,
Natural de Coimbra.

OFFERECIDO

A' MOCIDADE PORTUGUEZA

POR

MANOEL FERREIRA DE SEABRA,
Bacharel Formado em Canones pela Unversidade de Coimbra,
e Oppositor aos Lugares de Letras.

Advertencia dos Redactores d'este Jornal.

E Ste Breve Tratado de Miniatura que hoje publicámos sendo, como he, relativamente á nossa Língua, um Escrito verdadeiramente original, julgámos que o não devíamos alterar com quaesquer notas, addições, ou correcções, de que nos-tenha parecido susceptível. Assim nos-persuadimos que o merecimento do A. fica menos equívoco: as suas idéas, seja em quanto á doutrina e preceitos, seja em quanto á ordem e arranjo das materias de que trata; seja em fim em quanto á expressão, e nomenclatura das drogas, e preparações colorantes de que faz uso para a composição das tintas serão mais claramente entendidas e melhor apreciadas pelos Leitores de todas as ordens, do que se nós o-desfigurássemos com repetidas annotações. Qualquer outro curioso d'esta Arte, trabalhando depois d'este benemerito Conimbricense, e caminhando sòbre seus passos, poderá, com todo o direito que lhe-competete, praticar o que o A., tão prematuramente roubado á mesma Arte que principiava a illustrar com suas invenções, e a enriquecer com excellentes producções de seu genio, não teve tempo de fazer. Elle dará então a este pequeno Tratado aquelle gráo de perfeição, que seu A., pondo talvez em prática o importante preceito de Horacio *nonum prematur in annum*, se-proporia dar-lhe, passados alguns annos: ao menos nós assim o-inferimos depois da lição do mesmo Tratado; o qual com tudo deixámos subsistir como se-nos-confiou, nem ousámos alterallo. Damos sómente uma explicação muito abreviada de algumas drogas ou preparações colorantes sejam naturaes, sejam artificiaes, de que o A. faz uso; explicação, que nos-pareceo contribuir para mais facil e claro conhecimento das mesmas preparações; e offerecer aos curiosos o meio talvez de poder preparar por si mesmos se não todas, pelo menos algumas d'ellas, quando se-lhes-offereça uma tal necessidade.

*Explicação de algumas drogas colorantes propostas pelo A.
n'este Breve Tratado de Miniatura para sua mais
facil intelligencia em favor dos curiosos.*

Alvaiade fino. = Oxido de chumbo pelo ácido acetoso (hoje ácido acetico de alguns Chemicos). He uma preparação de chumbo, que se-faz expondo este metal em laminas, a que ordinariamente se-dá a fórma espiral, aos vapores do vinagre.

Amarello de Napoles. = He, segundo a opinião geralmente recebida, um producto volcanico, ou uma especie de pó que se-junta ao redor das minas d' enxofre, que se-dizem provir do Vesuvio. — Porém, segundo Mr. de Bondaroy, he uma preparação chimica composta d'alvaiade (oxido branco de chumbo); de pedra ahúme (sulphato ácido d'allumina); de sal ammoniaco (muriato d'ammoniaco); e d'antimonio diaphoretico (oxido d'antimonio branco pelo nitrato de potassa, nitro). Vid. Mem. d'Academ. 1766 p. 303. — Os nomes Jaldelino ou Jarolino, que dão os Droguistas aos Pintores ao amarello de Napoles; são traducções mais ou menos inexactas de Giollo-lino, nome que lhe-dão os Italianos, etc.

Anil. = Fecula colorante azul (indigo) de que se-faz muito uso na Tinturaria; extrahido da planta Indigofera de Linn. por uma fermentação particular.

Azul da Prussia = Prussiato de ferro. He uma preparação chimica, que se-faz precipitando a caparrosa (sulphato de ferro) por uma dissolução d'alcale que foi calcinado com diferentes substancias animaes principalmente o sangue. Vulgarmente se-lhe-dá o nome de flôr d'anil, posto que d'êsta droga não tenha senão a côr.

Bistre. = He essencialmente uma dissolução dos principios carbonaceos e oleo empyreumatico da ferrugem de chaminé em ourina. — Prepara-se triturando a dita ferrugem (a mais compacta é brilhante he a melhor) com ourina e agua.

Branco d' Hespanha. = Carbonato de cal nativo. He chamado tambem branco de Bougival: elle não differe do branco de greda (cré) senão em ser menos puro e mais terroso.

Carmim. = He a côr finissima que se-tira da cochonilha precipitando a decoção d'estes insectos, ricos em partes colorantes de um vermelho cramsim, por meio da pedra ahúme (sulphato ácido d'allumina): este sal não sómente dá a sua base (terra do allumen, allumina) que fixa melhor a côr natural da cochonilha; mas tambem aviva a mesma côr. E'sta preparação passa por um segredo: entretanto, e por êsta mesma razão, se-tem imaginado e publicado diferentes methodos de a-fazer. Apontaremos alguns. — 1.º

da antiga Encyclopædia; 2.^o carmim fino de Langlois, em Paris; 3.^o carmim superfino de Mad. Cenetha, em Amsterdam; 4.^o carmim chinez; 5.^o carmim d' Alemanha; 6.^o processo d'Alyon. Todos estes methodos á excepção do 3.^o em última análise se-reduzem a unir as partes colorantes com a terra branca alluminosa, etc.

Cinzas azues d' Inglaterra. = Oxido de cobre pelo ácido nítrico. Prepara-se precipitando uma dissolução de cobre feita no ácido nítrico (agua forte) por meio d' agua de cal; ou melhor ainda pela cal viva em pó; lavando o precipitado em muita agua, que bem esgotado se-porphyriza, ajuntando algum sal.

Cinzas verdes d' Inglaterra. = Oxido de cobre pelo acido sulphurico? Obtem-se precipitando uma dissolução de sulphato de cobre (caparrosa azul, pedra lipe, vitriolo azul) por um alcale?

Lacca colombino = L. fina de Veneza. = São as partes colorantes ou da cochonilha, ou do páo vermelho ou fernambuco, páo do Brazil, ou de outras materias colorantes precipitadas por processos semelhantes aos do carmim. Tomão diversos nomes segundo a intensidade e mesmo a diversa côr que tem assim v. gr. a colombina imita a côr de pescoço de pomba vermelho cransima puxando a rôxo, e quasi de furta-cores.

Lapis vermelho. = Oxido de ferro vermelho nativo, em estado sólido. — He uma argilla córada pelo oxido vermelho do ferro, que ordinariamente perdolina, e então toma o nome de ematites ou sanguina de diversos grãos de consistencia, terrosa, lapidosa mais ou menos dura desde as ochras ematiticas pulverulentas até a pedra de brunir dos Pintores, pedra de toque dos Ourives, etc.

Massicote. = Oxido de chumbo pelo fogo. Prepara-se tendo o chumbo fundido em vasos abertos, e com o contacto do ar. — Distingue-se em razão da côr, que adquire segundo o progresso d' esta oxidação (calcinação, antig. nomencl.), em

Massicote verde, amarello claro (flavo), amarello carregado (luteo), alaranjado.

Ochra clara. = Oxido de ferro amarello claro (flavo). He pela maior parte natural; e resulta da precipitação do ferro que se-acha dissolvido nas aguas marciaes, formando o sedimento ochraceo, que se-deposita mais ou menos abundante.

Ochra escura. = Oxido de ferro de um amarello carregado (luteo). Resulta da oxidação (calcinação, antig. nomencl.) do ferro, menos avançada do que na ochra clara.

Ochra vermelha. = Oxido vermelho nativo (ou artificial) de ferro em estado de terra, chamado então Ochra ematitica. — O sulphato de ferro, por ex. caparrosa ou vitriolo verde (ant nomencl.), sendo bem calcinado a um fogo forte e continuado por muitas horas, pôde converter se em verdadeiro oxido vermelho (ematitico); posto que a este oxido assim obtido se-dêsse o nome de Colcothar, ou Terra doce de vitriolo.

Ouro-pimenta. = Oxido d' arsenico sulphurado amarello; ou sulphureto d' arsenico amarello. O nome Ouro-pimenta he traducção inexacta de *auri pigmentum*: como quem diz, tinha côr de ouro. He nativo, e tambem se-fôrma artificialmente ustulando as minas d' arsenico sulphurado, ou sublimando a mistura d' estas duas substancias em proporções convenientes.

Pedra de fel. = Especie de cálculo biliar, ou concreção animal do boi.

Rom ou gomma gutta. = Succo inspissado da planta cambogia gutta (Linn) Stalagmitis cambogioides (Murray).

Sombra de Colouça = Sombra de Col. queimada = Sombra d' Oliveiros. = Differentes variedades d' argilla bituminizada (argilla umbra de Linn) (Mineralog.) Terre d' ombre dos Fr. - páo bituminis. só no estado terreo (Werner, Brochant. etc.)

Terra d' Italia. = Especie d' argilla mais ou menos ferruginosa, ou de oxido de ferro misturado intimamente com terra argillosa e outros corpos. — O gráo d' oxidação do ferro, e a sua mistura em proporções differentes com a terra argillosa e outras materias, lhe-dá differentes nomes, e differentes caracteres. — D'aqui as differentes sortes da — Terra d' Italia.

Verdacho. = Oxido (cal de ... antig. nomencl.) de cobre artificial pelo vinagre. — Verdete preparado. etc.

Verde de bexiga. = He o succo das bagas do espinheiro alvar *Rhamnus catharticus* (Linn).

Verde d' iris. = Especie d' extracto preparado com as flores do lirio rôxo.

Verde-mar. = He uma côr composta de azul e amarello, em que predomina o azul.

Verde de montanha. = Oxido de cobre (cal de ... antig. nomencl.) nativo. Ochra de cobre verde. etc. etc.

Vermelhão. = Sulphureto de mercurio por sublimação. — Oxido de mercurio sulphurado (Cinabrio ant. nomencl.). Ha-o natural e artificial. Este faz-se incorporando por meio da fusão uma parte d' enxofre com 6 ou 7 partes de mercurio, e sublimando em vaso tapado a massa negra que resulta.

Ultramar. = Materia colorante azul mineral; isto he, da natureza dos oxidos metallicos, que se-extrahe da pedra chamada pelos Mineralogistas Lapis Lazuli (Lazulithes Werner). A sobredita materia colorante azul he, segundo a opinião de Guiton, um verdadeiro sulphureto de ferro azul; e se-pôde mesmo preparar directamente, combinando o sulphureto de ferro artificial com as terras. vej. An. Ch. tom. 34 p. 34.

Zarcão. = Oxido (cal, ant. nomencl.) vermelho de chumbo pelo fogo (minio). He preparação artificial: obtem-se em grande, expondo o massicote amarello (oxido amarello de ch. pelo fogo) por espaço de 48 ou mais horas a um fogo de reverberio conti-

nuado; havendo o contacto do ar e continua agitação da matéria para evitar a vetrificação, e renovar os pontos de contacto com o ar. etc. Sobre esta preparação em grande veja-se — Procédé des Anglais pour convertir le plomb en minium. — Mem. d' Acad. 1770 l. 1.º p. 374 por Mr. Jarschaptal, Chim. appliq. ás Art. etc. etc.

Redactores.

AOS CURIOSOS,

Nenhuma glória me resulta d'esta publicação; porém satisfação-me de dar esta pequena demonstração de interesse pela glória da minha Patria, e de affecto para com os meus Patricios. Foi no anno de 1803 que, por acaso, e na maior desordem, me vierão á mão uns poucos de manuscritos, que eu tive o trabalho de arranjar; e vendo que formavão uma obra completa com o titulo de = Breve Tratado de Miniatura, pelo Bacharel José Mendes de Saldanha, natural de Coimbra = não pude de modo algum consentir que o nome e a obra d'este meu Patricio e Collega ficassem no esquecimento: porque, bem que não tive a fortuna de tratar este homem virtuoso, e sabio, sei que, tendo nascido em 30 de Novembro de 1738, e morrendo em 3 de Novembro de 1796, deixou os mais excellentes retratos, e pinturas avulsas.

Talvez que (porque a morte nollo roubou quasi em flôr) elle não tivesse dado a última lima e perfeição a esta obra: mas por ser original, porque apenas em 1801 se imprimirão em Lisboa algumas traducções de Tratados de Pintura, e porque tem merecido a approvação de Pessoas sensatas, e dadas a este bello exercicio a quem tive a prudencia de a-mostrar, espero que a Mocidade Portuguesa não só me-acceite de bom grado este ingenuo presente, mas até o-apprecie muito.

M. F. de S.

PROLOGO DO AUTHOR.

Vendo eu que muitas pessoas amadoras do Desenho achão prazer na Pintura de Miniatura, fazem seus esforços para a-executar, e que quasi vão ás cegas sem terem quem os-dirija, porque ha entre nós poucos Pintores que se-dem a este exercicio, e alguns d'elles fazem um grande misterio d'este modo de pintar, não dando receitas algumas, nem preceitos, e que quasi o-executáo como ás escondidas; e persuadindo-me eu que na nossa linguagem não ha nada escrito a este respeito, intento indicar o modo como as pessoas curiosas, que não tiverem Mestre que as-dirija, poderáo fazer algum ensaio n'este genero de Pintura. Para este fim me-servi do que tenho achado disperso em algumas obras escritas em Francez, que tratáo da Pintura de Miniatura.

Eu procurei, quanto me-foi possível, escrever de modo intelligível para as pessoas, que não sabem os termos proprios da Arte; e tudo quanto digo do modo de pintar o-tenho executado. Se este methodo, que publico, não fór approved por quem tiver maiores conhecimentos do que eu, e quizer ser util a quem deseja saber, eu estimarei muito que mostrem um caminho mais acertado, e tambem me-aproveitarei das suas regras.

No Indice se-veráo as materias de que se-trata. Cadaúm poderá adoptar, ou abandonar o que lhe-parecer: é como eu tenho evitado cuidadosamente os termos da Arte, espero que todos os Leitores me-entendáo facilmente.

 INDICE

Das materias que se-contêm n'este Tratado.



P A R T E I.

- CAPÍTULO 1.º *Da Miniatura em geral.*
 _____ 2.º *Materias em que se-pinta Miniatura.*
 _____ 3.º *Methodo para fazer o Desenho.*
 _____ 4.º *Das tintas.*
 _____ 5.º *Purificação de algumas tintas. Modo de as-preparar, e temperar.*
 _____ 6.º *Da Palheta, e dos Pinceis.*
 _____ 7.º *Composição de todas as cores.*

 P A R T E II.

- CAPÍTULO 1.º *Prática da Miniatura em geral.*
 _____ 2.º *Dos Fundos.*
 _____ 3.º *Das roupas das Figuras, e outros ornatos.*
 _____ 4.º *Das Encarnações.*
 _____ 5.º *Das Paizagens.*
 _____ 6.º *Das Flores.*

(Continuar-se-ha.)



ART. II.—

BREVE TRATADO DE MINIATURA.

PARTE I.

(Continuado do Num. antecedente pag. 201.)

CAPÍTULO I.

Da Miniatura em geral.

§. I. *MI*niatura he uma pequena Pintura feita com a ponta do pincel por uma repetida imposição de *pontos* miudos.

§. II. Ella não se-póde fazer facilmente senão em pequeno: as maiores pinturas, que se-costumão fazer em miniatura, são de quatro polegadas e meia até cinco de altura, ou pouco maiores. Os *pontos* facilitão a sua perfeição e delicadeza.

§. III. E'sta sorte de pintura acaba-se com a ponta do pincel, dando com ella leves toques, que fação pequenos pontos. Não ha pintura que se-possa acabar com maior perfeição e delicadeza do que ésta; porque os pontos dão grande facilidade para unir, confundir, e amaciar as differentes tintas, e são muito commodos para executar coisas pequenas.

§. IV. Os Pintores de miniatura usão de diversos pontos (1): uns os-fazem *redondos*, tocando levemente com a ponta do pincel, como quem faz com a penna o ponto sôbre um *i*: outros os-fazem *compridos*, como uma pequena vírgula direita: outros em fim usão de pequenos traços (são riscos) direitos, e cruzados, ou curvos, uns cortando aos outros por differentes direcções, como vemos nas estampas de buril; de maneira que a pintura, depois de acabada, quasi parece toda feita a pontos redondos. Este último methodo he mais breve, e menos enfadonho, e por isso melhor, e mais adoptavel: com tudo deve-se usar dos pontos redon-

(1) Élément. de Peint. pag. 260. — Trait. de miniat. pag. 20.

dos para acabar de aperfeiçoar a pintura, pois são os mais proprios para este effeito.

§. V. Muito semelhante á miniatura ha outra sorte de pintura, que se-chama *pintura mista*, a qual se-pinta como a de *têmpera*, estendendo, e unindo continuada e livremente as tintas com o pincel todo em umas partes, e em outras pontoando com a ponta sómente, como na miniatura: a pontuação serve para fazer, e acabar as miudezas mais delicadas, como encarnações, cabellos, rendas, e outras coisas; e as pinceladas livres para o resto da pintura, como roupas, fundos, e tudo o mais, que ficará sem ser pontoado; ésta sorte de pintura dá liberdade de fazer maiores quadros, e em menos tempo.

CAPÍTULO II.

Materias em que se-pinta Miniatura.

§. I. As materias, em cuja superficie se-póde pintar, são muitas: todas devem ser brancas; porque a sua brancura se-deve reservar para as cousas puramente brancas, e para os maiores realces, e poupar para os claros de todas as tintas. As melhores, e de maior uso, são taboinhas de *marfim* muito delgadas, pergaminho, e papel. (1)

§. II. O marfim deve ser muito claro, e sem veios; porque como as tintas tem muito pouco corpo, principalmente as da encarnação, e são transparentes, os veios ficarião vendo-se por baixo d'ellas, e a pintura não ficaria boa: o modo de o-preparar he o seguinte.

§. III. Ponha-se a taboinha do marfim sôbre uma taboa lisa e limpa, e segurando-a com uma mão, com a outra se-faz roçar por cima d'ella um bocado de pedra pomes, que tenha uma face plana, molhando-o continuamente em água, e roçando ao direito dos veios do marfim, até que a superficie esteja plana; isto se-faz em ambas as faces até ficar pouco mais grosso, que uma carta de jogar. Então se-*talhará* com uma tesoura, dando-lhe a figura que se-quiser, oval, redonda, ou de cantos. *Talhado* e enxuto o marfim, se-esfregará por uma face com pó de pedra pomes, o qual se-fará roçar no marfim com um bocado de pano de linho limpo

(1) Tambem se-póde pintar sôbre pedras brancas, esmalte, ou vidro côr de leite, ambos sem lustro, pano aparelhado, pão, etc.

e enxuto, ou papel: e n'êsta face he que se-deve pintar. Alguns Pintores costumão depois d'isto passar-lhe por cima com um pincel de muito pêllo, e brando, molhado em vinagre branco, ou agua de pedra hume, ou agua com sal commum; mas a mim me-parece desnecessario.

§. IV. O pergaminho deve ser muito fino, branco, claro, e liso, sem cal, nem gordura. Conhece-se que tem cal, se, tendo-o molhado com a lingua, seccar brevemente; se a humidade porêm durar por algum tempo, será bom: a gordura, se elle tiver côr amarellada, e como que está azeitado, e então não presta.

§. V. Para se-pintar n'elle com commodidade, he necessario que esteja bem estendido; cortar-se-lha um pedaço maior do que hade ser a pintura, e o que se-lhe-der de mais será dobrado para trás, e pegado com gomma muito espessa a uma taboa delgada de páo, ou chapa de algum metal, a qual será da grandeza que que-remos fazer a pintura, mettendo um papel branco entre o pergaminho e a chapa: para que o pergaminho fique bem estendido, deve ser primeiro humedecido ligeiramente pelo avesso com pano de linho limpo, ou esponja limpa molhada em agua pura, e pegado em quanto conserva alguma humidade. Advirta-se que nunca deve ser pegado em parte, por cima da qual se-hade pintar; porque a pintura depois ficará com verrugas, e não se-poderá tirar da taboa, ou chapa, se fôr necessario. (2)

§. VI. O papel tambem deve ser branco, claro, e não ani-lado, de boa qualidade, muito liso, de grã muito fina, algum tanto encorpado, e que tenha bastante cõlla. O melhor papel he o de França, na falta d'este he muito bom o de Hollanda. Tendo éstas qualidades pôde pintar-se n'elle sem algum preparo; mas se elle fôr passento, será necessario primeiramente molhallo com agua de pedra hume, o que se-fará com esponja limpa, mandando-o bater, depois de enxuto, por encadernador de livros, para que a grã fique mais igual, e a superficie mais lisa. Alguns curiosos se-contentão com o-esfregar com pó de gomma sandaracha, ou gomma graixa, embrulhado em um pano. Prepara-se com gomma de peixe, gomma arabia, e assucar cande, verniz de clara de ovo, e agua, etc. Fação-se experiencias.

CAPÍTULO III.

Methodo para fazer o Desenho.

§. I. Como a Miniatura requer muito aceio, e perfeição, e se não podem com facilidade emendar alguns erros, ou descuidos commettidos no desenho, principalmente no pergaminho, e papel, julgo ser muito util usar das seguintes invenções.

§. II. Para desenhar no marfim, faça-se o desenho em papel a lapis com toda a certeza e exactidão possível, do mesmo tamanho que hade ser a pintura; cubra-se os contornos com tinta muito preta á penna, ou ao pincel; depois pegando com dois bocados de obreia branca o marfim sôbre o desenho, com a face preparada para cima, se-verá o desenho pelo transparente do marfim: sigão-se todos os traços a pincel com uma leve aguada de carmim com muita certeza e aceio; feito isto, despegue-se o desenho do marfim, e a este se-collará com pouca gomma por de trás papel que não seja azulado.

§. III. Para desenhar no pergaminho faça-se o desenho, como já disse, em papel; este se-sujará por de trás com pó de pedra preta de desenhar, ou com cinza de papel queimado, esfregando o pó, ou a cinza com pano de linho; depois se-sacode o que não ficar pegado para que não vá sujar o pergaminho; sôbre este põha-se o desenho (sem o-roçar) com o sujo para baixo, preguem-se os cantos com alfinetes pequenos para que o desenho não mude de lugar, ou se-dobrará o papel para trás da taboa; então com uma agulha, ou ponteiro de algum metal, de ponta algum tanto romba e lisa, para que não córte, se-seguirão todos os contornos, e traços, carregando-os com ella para que o desenho se-imprima no pergaminho (isto se-chama calcar o desenho); tira-se depois o papel, e com miúdo de pão se-esfregará brandamente o pergaminho, deixando ficar uns leves signaes do desenho, que se-percebão, e se-cubrirão com aguada de carmim a pincel, procurando emendar alguma incerteza do desenho negro, e por fim se-torna a esfregar com pão até que o negro de todo se-alimpe. Este metho-do tambem serve para desenhar no papel.

§. IV. Quem souber desenhar bem não precisa éstas invenções. No marfim desenha-se a pincel com aguada de carmim: no pergaminho primeiramente se-desenha com um ponteiro de ponta romba e lisa, que não fira, o qual deve ser de prata, metal amarello, cobre, e nunca com lapis, depois a pincel com carmim: no

papel desenha-se primeiro a lapis fino preto, mas hade ser muito levemente, e depois de coberto com carmin, se-devem apagar os traços do lapis com borracha de nervo, gomma elastica. (1)

CAPÍTULO IV.

Das Tintas.

§. I. As tintas com que se-pinta miniatura devem ser das mais finas e de melhor qualidade: as melhores são extraidas de terras, de gomas, e de animaes; de todas devem escolher-se as que tiverem a côr mais viva e brilhante. (Por brilhante não se-entenderá lustro, como o de algum corpo polido, mas sim que a côr seja de grão muito subido, e forte.) Direi a maior parte das que podem servir, para se-escolherem d'ellas as que parecerem convenientes. Note-se que as marcadas com a estrella são as melhores, e as com a cruz devem levar mais gomma.

Azues.

§. II. * † *Ultramar*, ou *ultramarino*, o melhor he o que tiver a côr mais escura.

* † *Cinzas azues d' Inglaterra.*

* *Azul da Prussia*, ou de *Berlim*, chamado vulgarmente *flôr de anil*, a mais leve e a mais escura.

Anil, o mais leve e escuro.

Amarellas.

§. III. * *Pedra de fel*, acha-se no fel de alguns bois, ou vaccas.

* *Rom* ou *gomma gutta*, não necessita ser moída, nem gomma; usa-se d'ella dissolvendo-a em agua simples.

* † *Maquim*, ha-o claro e escuro: o menos desmaiado he o melhor, e o que atira para verde não he bom para encarnações: o melhor vem de Hollanda. (2)

Fel de anguia, usa-se d'elle sem gomma, dissolvendo-o em agua ardente: quasi que pinta como o *maquim*, e serve para variar os verdes para as paisagens, misturando-o com differentes azues, e tambem para dar maior fôrça e belleza a todas as cores verdes, negras, pardas, e amarellas, misturando-o com ellas: tira-se das anguias quando se-lhes-tirão as tripas, e se-pendura para seccar.

(1) Trait. de min. pag. 12. n. 10. — Elem. de Peint. pag. 252.

(2) Trait. de min. pag. 12. n. 10.

Amarello de Napoles, vulgarmente *jaldelino*.

* † *Ochra escura.* }
Ochra clara. }

Ouro pimenta, o mais luzente e transparente que parece *talco dourado* ésta tinta quasi não presta para misturar com outras, empregada sómente' he muito boa para dar realces no amarello.

Massicote, ha-o amarello, quasi branco, claro, e tostado.

Vermelhas.

§. IV. * *Carmim fino.*

* † *Lacca fina de Veneza*, que seja côr de rosa, e não arroxada; cuja côr não desmaie lançando-lhe çumo de limas azêdo.

* † *Lacca columbina*, ésta he mais escura que a de cima, e algum tanto arroxada.

* *Vermelhão.*

* *Terra d' Italia.*

* † *Lapis vermelho*, pedra.

* *Vermelho escuro d' Inglaterra*, que seja do mais escuro.

* *Ochra vermelha*, terra.

Zarcão, a sua côr não he muito duravel, e vem a fazer-se dene-grida.

Verdes.

§. V. *Verde de Iris*, ou de *Lirio*.

Verde bexiga: estes dois verdes não precisam ser moidos, nem gomma, dissolvem-se com agua simples: o segundo he mais amarellado que o primeiro. (1)

Verde mar, he algum tanto azulado.

Verde montanha.

Verdacho.

† *Cinzas verdes d' Inglaterra.*

Escuras.

§. VI. * *Sombra de Colonia.*

Sombra de Colonia queimada.

Sombra de Oliveiros.

* † *Bistre*, fervido he melhor.

Negras.

§. VII. * *Nanquim*, he tinta da China, não necessita ser moída, nem gomma, dissolve-se em agua simples.

(1) *Anil* e *Rom* dão côr como o verde bexiga.

Negro de marfim, ou de ossos de pés de carneiro, ou de carochos de pessego, ou cerejas, ou cascas de nozes queimadas.
Negro de fumo, são pós de escodar.

Branças.

§. VIII. *Alvaiade fino de Veneza*, que não seja falsificado com grêda, ou branco de Hespanha.

Cascas d' ovos, ou *ossos de pés de carneiro*, calcinados, e purificados com agua.

§. IX. Ha ainda outras muitas tintas que podem servir, mas nem todas as que relatei são necessarias a quem souber mistural-las; com tudo quiz fazer menção de tantas, por julgar ser util aos principiantes, que não tem uso de fazer misturas, das quaes resultem as côres, que desejarem.

CAPÍTULO V.

Purificação de algumas tintas. Modo de as-preparar, e temperar.

§. I. Algumas tintas devem ser primeiramente purificadas(1); taes são as ochras, e geralmente as terras, e as mais grossas, das quaes se-póde tirar o mais fino por meio da operação seguinte: desfação-se as que precisão ser purificadas em agua pura com o dedo em vaso de barro vidrado, ou de vidro; depois de bem desfeitas, serão lançadas em grande quantidade de agua dentro de um copo grande, e mexendo tudo muito bem, se-deixará repousar por um pouco: incline-se o copo brandamente, e se-lance a agua assim incorporada com a tinta em outro copo, que não seja menor, mas com cautela para que não se-levante a que estiver no fundo, que será a tinta mais grossa, areias, ou terra, que se-lançará fóra, e se fôr necessario, repita-se o mesmo segunda ou terceira vez: então se-porá ésta agua coberta em parte que não se-mova por espaço de tres dias, ou até que toda a tinta desça, e fique a agua pura ao de cima: depois tire-se ésta agua com as mesmas precauções, e a tinta que ficar no fundo do copo, se-deixará seccar, e depois se-móe com agua gommada. Esta operação tambem he muito boa para purificar o alvaiade, que tiver grêda, ou branco de Hespanha, e para o branco de cascas de ovos, e ossos de pés de carneiro calcinados.

(1) Trait. de min. pag. 12. n. 9. — Elém. de Peint, pag. 225.

§. II. Outras purificão-se com fogo (1), como o ultramar, as sombras, o vermelho escuro, e as ochras clara, e escura; (todas as mais se-fazem negras) se o fogo porém fôr forte, ellas mudão inteiramente de côr; pois as ochras se-fazem vermelhas, o vermelho escuro faz-se amarello, as sombras algum tanto avermelhadas; o ultramar não muda de côr, mas ella se-lhe-faz mais sobida, viva, e agradável; elle porém diminue muito na quantidade, e fica mais grosseiro e mais difficuloso quando se-trabalha com elle: o alvaiade, se o-queimarmos, tambem muda para côr de limão, e quanto maior fôr o fogo, mais amarello se-fará até chegar a côr tostada (assim se-faz o massicote). O modo de as-purificar he mettendo-as em um vaso de ferro, ou em cadinho de barto, e dar o gráo de fogo que parecer sufficiente, mexendo sempre a tinta com um ferro.

§. III. Todas éstas tintas, á excepção das que já notei, serão moidas, e temperadas com agua gommada (2): moão-se em cima de um pedaço de vidraça grossa, tendo-lhe já tirado o polido de una face com pedra de assucar; a sua grandeza em quadro será de dois terços de palmo, pouco mais ou menos; a molleta será feita de uma rolha grossa de vidro. Os marmores não são tão bons, porque são mais brandos, razão porque as tintas não podem ficar tão bem moidas, e trazem algumas particulas d'elles, que fazem alteração nas côres, diminuindo a sua viveza. Ellas devem ser tão moidas que fiquem impalpaveis; de cada tinta se-deve moer por cada vez muito pouca quantidade, porque sendo muita não pôde ficar bem moida; bastará de cada vez tanto como um grão de milho, ou ainda menos, e com quantidade de agua sufficiente: tanto a demasiada como a pouca impede moellas bem. Moidas ellas se-guardão em conchas bem lavadas em agua a ferver, tendo-as posto de mólho em agua tres ou quatro dias, para que se-lhes-tire algum sal, ou gordura, que as-pôde corromper, ou em pequenas tigellas de barro vidradas. A agua gommada he a seguinte.

§. IV. Dissolvão-se em oito onças (meio quartilho) de agua bem clara meia onça de gomma arabia da mais branca, cristalina, e pura, e duas oitavas de assucar cande, tambem muito branco, e puro, tudo dentro de um vidro, mexendo de tres em tres horas com um páo limpo, até que esteja feita a dissolução; e coada ésta por pano de linho limpo, se-guardará tapada em frasco de vidro se em lugar de agua commum fôr agua distillada, menos sujeita ficará á corrupção: o assucar serve para que as tintas se-

(1) Trait. de min. pag. 13. n. 11. — Elém. de Peint. pag. 256.

(2) Trait. de min. pag. 14. n. 12. — Elém. de Peint. pag. 250.

dissolvão com mais facilidade quando se-pinta, e pãra impedir que estalem (1).

§. V. Mas, como algumas tintas requerem mais gomma, como já notei, e outras menos, e não se-póde determinar para alguma a quantidade sufficiente de gomma, será bom experimentallas quando se-moerem, dando na costa da mão uma pincelada, e deixando-a seccar; se ella com o abrir e fechar da mão estalar, rachar, ou saltar fóra, será signal de gomma superfina; então se-lhe-juntará mais agua simples; se porêm nada d'isto succeder, se-lhe-passará por cima um dedo enxuto esfregando-a; se a tinta se-desfizer, e ficar o dedo empoado, junte-se-lhe mais agua gommada (2). Será muito acertado ter duas aguas de gomma, uma como já disse, outra ou diminuindo a porção de agua, ou augmentando a gomma e o assucar (3).

CAPÍTULO VI.

Da palheta, e dos pinceis.

§. I. A palheta será uma taboa de marfim, que tenha de comprimento dois terços de palmo, e de largo um terço, pouco mais ou menos, e de grossura quanto se-julgar necessario para que não empenhe com a humidade. A sua figura he arbitraria, póde ser de cantos, ou oval; n'ella se-põem as tintas, e se-fazem as misturas para compor as côres quando se-pinta (4).

§. II. Em uma face d'ella se-devem pôr as tintas para a côr de carne, e na outra para as roupas, e outras coisas. Para a côr de carne são as seguintes, e pela mesma ordem que as-escrevo.

§. III. Ponha-se no meio da palheta alvaiade em maior quantidade que qualquer das outras, e em roda as que se-seguem: *maquim: ouro pimenta: ochra (escura): uma côr verde composta de ultramar, e na falta d'este, flôr de anil fina, maquim, e alvaia*

(1) Trait. de min. pag. 14. n. 12. — Elém. de Peint. pag. 250.

(2) Tenha-se sempre o cuidado de não carregar as tintas com demasiada gomma, porque fará a pintura muito sêcca, e dura; o mais seguro he antes de menos, que de mais. — Trait. de min. pag. 15. n. 13. e pag. 22. n. 22. — Elém. de Peint. pag. 251.

(3) Trait. de min. pag. 15. n. 13. e pag. 22. n. 22. — Elém. de Peint. pag. 251.

(4) Trait. de min. pag. 10. n. 14. — Elém. de Peint. pag. 247.

de, partes iguaes, pouco mais ou menos: uma côr azul muito clara, composta de pouca ultramar, ou flôr de anil fina, e muito alvaide: vermelhão: carmim: bistre: negro: nauquim: anil fino.

§. IV. Querendo pôr as tintas na palheta lance-se uma gota de agua pura nas conchas, ou tigellas onde já estão preparadas, e com a ponta do dedo se-irá desfazendo a tinta, e depois com o mesmo dedo se-põe na palheta a quantidade necessaria.

§. V. Os pinceis devem ser de pellos griscos, ou pretos, que tenham muito pêllo igual, e não muito comprido, e com boa ponta, o que se-conhece, se molhando-os e passando-os por entre os beiços se-unem todos os pellos com igualdade. São necessarios de diferentes grandezas; maiores para esboçar; os medianos para os primeiros pontos, e os menores para os pontos mais miudos, que acabão de aperfeiçoar a pintura. Além d'estes deve haver um maior, o qual se-conservará sempre enxuto, e serve para tirar o pó, ou argueiros, que cahirem na pintura em quanto se-trabalhar nella (1).

§. VI. Para que elles tenham boa ponta, quando se-pintar procure-se fazer que a ponta do pincel fique direita, e com os pellos todos unidos; para o que, querendo tomar tinta da palheta, semolhará o pincel em agua pura, e pouzando-o sobre a tinta, com o cabo muito inclinado para baixo, se-conduzirá da esquerda para a direita, rolando-o ao mesmo tempo, entre os dedos até que a tinta se-dissolva, e a ponta fique direita; então se-passará do mesmo modo por cima de um papel limpo para se-lhe-tirar a tinta demasiada, e experimentar a côr, o qual sempre se-deve ter debaixo da mão esquerda, que segura a pintura.

CAPÍTULO VII.

Composição de todas as côres:

§. I. Tintas, e côres são duas coisas diferentes: tintas são as materias colorantes com que se-pinta, como carmim, flôr de anil, rôm, e outras: côres são os effeitos que faz a applicação de cada tinta, ou a mistura das mesmas tintas, os quaes se-deixão perceber sómente pelo sentido da vista, como a côr vermelha, a côr amarella, a côr azul, e outras; d'estas segundas he que vou fallar.

(1) Trait. de min. pag. 17. n. 15. — Elém. de Peint. pag. 248.

§. II. Para o bom colorido de qualquer pintura serve muito saber compor qualquer côr por meio da mistura das tintas : sem esta sciencia (além da do claro, e escuro), não se-pôde dar um passo na pintura. Sómente a prática continuada he que pôde ensinar a fazer as misturas para compor as côres necessarias ; com tudo eu referirei um systema a este respeito, de que resultará talvez formar-se alguma ideia da composição de todas as côres, servindo elle de exemplo, e he o seguinte.

§. III. Tem-se assentado a pesar de se-vêr uma infinidade de côres differentes, que não ha senão tres primitivas, que são a origem de todas as mais ; e que todas as outras são effeito de differentes combinações, ou misturas de duas ou tres primitivas em certas proporções ; e que éstas primitivas são a côr *azul*, a côr *amarella*, e a côr *vermelha*, as quaes não podem ser formadas por nenhuma das outras côres. A experiencia nos-persuade d'isto, porque nós podêmos com éstas tres côres sómente, com tanto que sejam puras, fazer todas as outras côres (excepto a branca ; que dizem ser a representação da luz, ou da claridade), misturando ou duas sómente, ou todas tres, com proporções convenientes á côr, que se-pertende.

§. IV. Por tanto he necessario vêr que tintas, *azul*, *amarella*, e *vermelha* terão a côr mais pura e isenta da mistura de outra côr, e descobrindo-as usaremos d'ellas para as differentes misturas. A mais pura será aquella que não tiver particulas de alguma das outras duas côres : por exemplo veremos entre todas as tintas azues qual he a que não tem particulas da vermelha, ou da amarella, ou de ambas juntamente : olhando para todas, e confrontando uma com outra, ao primeiro golpe de vista veremos, que alguma he arroixada, outra esverdeada : a primeira contém certamente particulas vermelhas, porque o azul misturado com vermelho produz rôxo ; e a segunda particulas amarellas, porque azul com amarello produz verde ; se porêm a côr azul fôr suja, escura, e denegrida, he signal de ter particulas vermelhas, e amarellas, e em nenhum d'estes tres casos a côr azul he pura, e por consequencia não he boa para fazer toda e qualquer côr composta. Logo devemos escolher a que fôr puramente azul ; ou, se nenhuma houver pura, a menos viciada. O mesmo que tenho dito da côr azul, digo tambem das outras duas amarella e vermelha, porque tambem devem ser puras.

§. V. Tem-se escolhido entre as azues o *ultramar*, entre as amarellas o *rom*, e entre as vermelhas o *carmin*, como mais puras. Como porêm o *ultramar* he de um preço mais subido que o

do *carmim*, e entre nós muito raro, poderemos usar na falta d'elle do *azul da Prussia* de melhor qualidade.

§. VI. Agora, para que cadaúm possa compor a côr que quizer, deve saber que a côr *verde*, a *rôxa*, e a de *laranja* procedem da mistura de duas das tres primitivas; a *verde* compõe-se da *azul*, e da *amarella*: a *rôxa* da *azul*, e da *vermelha*; e a côr de *laranja* da *vermelha*, e da *amarella*; e eis-aqui temos já seis côres, tres primitivas, e tres compostas. Não são porém só éstas tres compostas, que se-podem fazer; porque no genero da côr *verde* se-comprehendem muitas diversidades de *verdes*: o *verde* pois será mais ou menos azulado, mais ou menos amarellado, segundo as differentes porções de *azul*, e *amarello*, que se-misturarem; por exemplo, se se-misturar partes iguaes de *azul*, e de *amarello*, que tenham igual fôrça de côr, resultará um verde medio; isto he não será mais azulado, ou mais amarellado; se porém a côr *amarella* fôr em maior quantidade, dominará mais no verde, que o *azul*; e se pelo contrario se-juntar a uma parte de *amarello* duas de *azul*, este dominará mais que o *amarello*, e por consequencia o *verde* será azulado: d'onde se-vê, que, misturando *azul* com *amarello*, segundo as differentes proporções, serão differentes as côres *verdes* o mesmo digo das outras duas compostas, *rôxa*, e côr de *laranja*.

§. VII. A mistura de todas as tres côres primitivas em diversas quantidades nos-dará muito maior número de côres compostas, que a mistura de duas sómente se juntarmos partes iguaes de *azul*, *vermelho*, e *amarello*, que tenham igual fôrça de côr, resultará uma côr parda, quasi como a do *bistre*, que será uma côr neutra; isto he, uma côr na qual não se-perceberá que alguma das tres primitivas domine mais que outra: d'onde se-vê que tendo-se misturado partes iguaes de *azul*, e *amarello*, de que resulta *verde*, se lhe-ajuntarmos *vermelho* em quantidade igual a uma das duas, succederá desaparecer o *verde*, e resultar a dita côr parda: o mesmo succederá se á côr *rôxa* ajuntarmos *amarello*; e á côr de *laranja* ajuntarmos *azul* com a mesma proporção. Se porém á sobredita côr *verde* composta de partes iguaes ajuntarmos *vermelho* em menor quantidade, o *verde* não desaparecerá, mas ficará sujo e escuro; e quanto menor fôr a quantidade do *vermelho*, menos sujo ficará: d'onde se-deduz que se a qualquer côr composta de duas primitivas ajuntarmos alguma quantidade d'aquella, que não entrou na sua composição, ficará ou suja, ou desmanchada, conforme a quantidade da terceira. Duas primitivas em fim, ou todas tres misturadas com diversas proporções, nos-darão diversas côres: mas as proporções differentes podem ser quasi innumeraveis; logo tambem as côres que se-podem compor o-são.

§. VIII. A mesma côr *negra* tambem se-pôde compor misturando as tres primitivas o *azul* será o dôbro da somma das outras duas, que serão em quantidade igual, por exemplo, quatro partes de *azul*, uma de *amarello*, e uma de *vermelho*.

§. IX. A experiencia de todas éstas composições he facil; misturem-se duas ou tres côres primitivas á discripção, e como ao acaso, pinte-se em papel bem branco, que não seja anilado, ora com uma mistura, ora com outra, ver-se-ha a diversidade de côres; e então se-entenderá melhor o que tenho dito: e depois com alguma reflexão, e tentativas se-achará a composição da côr, que se-pertender.

§. X. Mas não será acertado que um principiante comece a pintar com um tão pequeno número de tintas; porque como éstas se-devem misturar a cada momento com differentes proporções, e por tentativas ao mesmo tempo que pintar, isto lhe-causaria grande embaraço, e o-faria desgostar do mesmo em que esperava achar prazer: com tudo a grande quantidade de tintas de que fiz enumeração tambem não he necessaria; de todas ellas se-devem escolher as que se-julgarem convenientes para ter um bom sortimento, e com ellas se-podem tambem compor várias côres, misturando umas com outras.

§. XI. Mas para a mistura d'ellas he necessario saber que ha tintas que se-unem umas com outras, e produzem côres vivas, doces, e agradaveis á vista; e outras que se-destroem reciprocamente, produzindo côres feias, e intoleraveis á vista: entre as primeiras ha amizade, e união, por isso se-chamão amigas; e entre as segundas ha antipathia, por isso se-chamão inimigas.

§. XII. No número das amigas se-contão, *alvaiade*, *laca*, *azues*, *amarellas*, e *verdes*; o *bistre* pôde unir-se com todas as tintas, excepto com as *azues*, porque totalmente lhe-destroe a côr; o *vermelho* he inteiramente contrário aos *azues*, e o *negro* aos *amarellas*. A experiencia ensinará as tintas que se-unem ou se-destroem; e querendo unir duas tintas inimigas, se-escolherá uma que se-una com ambas, e então se-poderá fazer a mistura, e vêr se a côr produzida he boa ou não.

§. XIII. Além d'éstas propriedades tem tambem as tintas e as côres mais outras duas: umas nos-representão os objectos mais proximos, e perto do nossa vista, outras mais longe, e distantes: as primeiras, porque parece nos-aproximão os objectos, chamão-se *aproximantes*, e as outras, que parece os-põem em distancia e ao longe, e os-fazem como fugir, chamão-se *fugitivas*, que são as seguintes.

§. XIV. *Azul*, a qualidade de fugitiva se-lhe-augmenta á proporção do alvaiade que se-lhe-juntar.

Ultramar, o mesmo.

Branco, he uma côr muito ligeira e fugitiva, porque he a que participa mais da claridade, e mais imitadora do ar.

Verde montanha.

Terra verde, não he tão fugitiva como o *ultramar*, e tem lugar entre este, e a *ochra clara*.

Laca, tem lugar entre o *ultramar* e o *vermelhão*.

Massicote, he muito fugitivo, porque a sua côr he quasi branca,

Maquim, tem uma côr indifferente, facilmente toma a qualidade d'aquella com que se-mistura.

§. XV. *Ochra clara* he aproximante, mas muito pouco, porque o seu amarello he muito claro.

Ochra escura he das mais aproximantes.

Ouro pimenta. Rom. *Carmim*.

Vermelhão, e he inteiramente opposto ao *ultramar*.

Verdes escuros. *Bistre*.

Vermelho escuro, he muito aproximante.

Terra de sombra, he muito aproximante, se o negro a-excede.

Negro puro, he a mais aproximante de todas; principalmente aquelle que differe mais do *azul*.

§. XVI. Não obstante éstas propriedades, com tudo a prudente contraposição das tintas, ou algumas misturas fazem effeitos differentes, ou contrarios áquelles que cadaúm tem particularmente por si só: o que se-mostra pelas differentes disposições do branco, e do negro, que fazem differentes effeitos; porque, querendo pintar um globo negro; fazemos a parte mais proxima á nossa vista mais clara, e as partes mais distantes mais escuras; pelo que se-vê claramente o branco aproximante, e o negro-fugitivo, effeitos contrarios ás propriedades que cadaúma d'éstas tintas tem por sua natureza.

§. XVII. He necessario ter conhecimento d'éstas propriedades, ou qualidades das côres, e das tintas, de que acabo de fallar, não só para a composição de todas as côres necessarias, mas tambem para saber fazer uma ajustada distribuição d'ellas na pintura; porque he necessario, que cada objecto, que entra na composição do quadro, occupe o seu devido lugar, e fiquem destacados; isto he, que pareçam despegados uns dos outros, e todos do fundo do quadro; muito principalmente constando a pintura de grupos, (que são ajuntamento de muitas coisas ou figuras) para o que concorre muito a boa distribuição das côres; por isso os Pintores intelligentes da perspectiva, e da harmonia das côres, costumão pintar os

objectos mais proximos com côres mais vivas, fortes, e perceptíveis, porque éstas tem a virtude de aproximar, e fazem n'éstas coisas os claros e escuros mais fortes e sensíveis, acabando-as o mais que pôde ser; e as que ficão em maior distancia as-pintão com côres mais palidas, desmaiadas, e fracas, e ás vezes algum tanto sujas, as quaes fazem como fugir, e pôr ao longe as coisas; o seu claro e escuro deve ser mais brando, e éstas mesmas coisas menos acabadas: do que procederá que a Pintura tenha a harmonia que se-requer. (1)

(Continuar-se-ha.)

(1) Note-se, que, se a composição do quadro o-permittir, não se-deve pôr a côr azul ao pé da côr de fogo (vermelhão), nem o verde ao pé de negro, nem um branco puro ao pé de negro puro porque fazem má harmonia no quadro. — *Trait. de Miniatur.* pag. 36. n. 49. —

Fim da Parte I.





ART. II.—

BREVE TRATADO DE MINIATURA.

PARTE II.

(Continuado do Num. antecedente pag. 271.)

CAPÍTULO I.

Prática da Miniatura em geral.

§. I. Antes de principiar a dizer o modo de pintar; advirto que será muito util aos principiantes, para praticar com mais facilidade os primeiros ensaios de miniatura, copiar algumas pinturas boas, grandes, ou pequenas, de oleo, ou de têmpera, ou de miniatura (se fôr de oleo melhor será), imitando-lhes todas as côres, e os seus claros e escuros; devem escolher-se algumas de colorido fresco e mimoso, porque são as mais faceis.

§. II. Todas as côres da pintura a oleo podem imitar-se muito bem na miniatura, e a ésta se-lhe-póde dar toda a fôrça de claro e escuro que quizermos; o bom uso do *alvaiade*, e muito principalmente o do *bistre* concorre muito para este fim: o alvaiade de que se-deve usar he o alvaiade fino de Veneza; porque este não padece tão facilmente na sua côr algumas alterações, como outro qualquer: elle serve não sómente para dar algum corpo ás tintas, que o não tem, mas tambem para aclarar algumas côres, e para amaciar, e adoçar a pintura; mas deve-se usar d'elle em muito pequena quantidade, e não o-misturar com as tintas senão á proporção do claro, ou escuro que queremos fazer. Em quanto ao *bistre*, o bom uso e applicação, que d'elle se-fizer, dará uma fôrça, um tom, e accôrdo ás côres igual ao que tem a pintura de oleo, principalmente misturando-lhe algum carmim quando fôr necessario: elle póde misturar-se com quasi todas as tintas, ou seja para as-sujar algum tanto, ou para as-escurecer muito: a unica côr que elle totalmente destroe he a azuk

§. III. He necessaria boa luz para trabalhar com commodidade. Deve procurar-se uma meza, ou estante perto da janella de sorte

que a luz d'ella fique da parte esquerda, e não de diante, ou da direita. Não deve haver pó na casa, porque destroe a pintura, e as tintas.

§. IV. Feito o desenho com muita certeza, e perfeição, se dará a primeira côr em qualquer objecto, seja encarnação, roupa, paisagem, etc. com a tinta, ou mistura das tintas que seja de côr adequada e propria: ésta primeira côr porém deve ser dada muito por igual, a grandes pincelladas dirigidas conforme os traços do desenho, como fazem os pintores a oleo: nos claros deve ser ainda mais clara, e nas sombras não tão escura isto he, não se-deve logo ao princípio dar a verdadeira côr com que ha-de ficar a pintura depois de acabada, porque depois os pontos a-vão fazendo mais viva, forte, e escura; ésta primeira côr deve tambem ser de muito pouco corpo, e quasi como aguada.

§. V. A mistura das tintas, que se-fizer para que qualquer côr seja dada com igualdade, como por exemplo em um fundo, de-verá sempre ser em quantidade sufficiente, ou em maior; porque, se ella não chega para o que se-quer pintar, he muito difficul-toso, e quasi impossivel fazer outra mistura, que fique com a côr semelhante á primeira. Fortificação-se depois as sombras com côres um quasi nada mais escuras, que as primeiras dando *figura*, e um certo *relêvo* a todas as coisas, e então fica a pintura esboçada, ou no estado *morta-côr*, que he o mesmo.

§. VI. Segue-se a pontuação; a côr dos pontos será um pouco mais encorpada, e mais viva com pouca differença; procure-se es-curecer, ou aclarar as côres segundo fôr conveniente, e que tudo fique com boa união, doce, e agradavel, advertindo sempre, que os pontos não sejam demasiadamente sensiveis na sua grandeza, na distancia, e na differença da côr, e que o fim d'elles he só a perfeição e delicadeza, que não se-póde conseguir pintando de outro modo. Na pontuação se-requer muita paciencia, e cautella; cada ponto deve levar muito pouca quantidade de tinta, e ainda que a sua côr deve ser mais viva, que a do esboço, com tudo deve ser muito pouco, porque não se-deve dar toda a força ás côres senão por degráos quasi insensiveis, repetindo pontos sô-bre pontos: os primeiros serão dados com um pincel cuja ponta não seja muito aguda, os seguintes com um de ponta mais fina; e assim por diante.

§. VII. Deve fazer-se escolha de pontos; porque ha coisas que pêla sua natureza não podem ser bem caracterisadas com qualquer sorte de pontos, como são os cabellos da gente, ou pêllos dos animaes, as penas das aves, as flores, que tudo deve ser pintado

a traços compridos, direitos, ou curvos, e nunca cruzados os fructos, os peixes, as serpentes, e qualquer reptil serão pintados a traços cruzados, ou a pontos redondos, e do mesmo modo as figuras humanas. A pontuação para as encarnações supposto que seja arbitrária, com tudo para a encarnação de mulher será muito propria a de pontos redondos; e a encarnação de homens que não forem de colorido mimoso será de traços cruzados, que não fação quadrados perfeitos, que causão dureza, mas farão como lijunja (*), que tem os cantos desiguaes.

§. VIII. Os traços dados para contornar alguma coisa serão abrandados e adoçados, ou totalmente desmanchados com as côres, que lhes-estiverem dos lados isto se-chama *desperffilar*, ou *descontornar*, para o que se-tocará nos ditos traços ora com uma, ora com outra côr, para que não fiquem parecendo golpes, que cortão, e separão, como se-vê nas ourellas das roupas; adocem-se todas as côres, e unão-se umas com outras, usando da que fôr mediana.

§. IX. Acabada a pintura, se-devem tocar sómente as extremidades dos claros principaes, onde a luz faz maior impressão, com uma côr ainda mais clara, confundindo-a, e amaciando-a imperceptivelmente com o resto: o que se-chama *realçar*.

§. X. Ao contrário dos realces tambem se-devem dar nas sombras, onde se-julgar conveniente, alguns toques escuros e fortes, e tambem em algumas coisas que fôr necessario dividir e separar, o que sómente se-fará onde houver maior fôrça de escuro. Note-se que as tintas, quanto mais gomme tiverem, mais escuras ficarão, por tanto querendo escurecer mais uma côr, se-lhes-ajuntará mais gomme.

§. XI. Sendo necessario emendar, ou mudar alguma parte da pintura, que já tenha côr, se-molhará com agua simples a pincel o que se-quiser desfazer, dando-lhe tempo de quasi um *crêdo* para que humedeça bem a tinta; depois, com a ponta do pincel sómente humido, se-irá tirando a agua e a tinta pouco a pouco, lavando repetidas vezes o pincel, e passando-o por cima de papel para que se-alimpe; tirada em fim a tinta, e a agua da pintura, e sêcca a parte d'onde se-tirou, se-lhe-porá a côr que se-quiser, e emendará o que fôr necessario.

(*) Antes *lisonja*: he traducção de *losange* fr.

CAPÍTULO II.

Dos Fundos.

§. I. Pósto estes principios, direi agora o modo de pintar em miniatura algumas coisas em particular, e seja a primeira os *Fundos*. *Fundo*, ou *campo* de um quadro são a mesma coisa: o *fundo* sempre deve ser vago, ligeiro, fugitivo, e suave, muito liso, e macio, pintado com tintas amigas, participando tambem de algumas que servirem para a composição do quadro; a sua côr sempre deve ser tal, que não se-assemelhe ou se-confunda com a de alguma parte da figura, retrato, ou d'aquillo que fôr o principal objecto da pintura, para que estes objectos fiquem destacados, isto he, como despegados, e levantados do fundo do quadro; com tudo a sua côr não será de tal sorte inimiga, e opposta ás que lhe-ficarem immediatas, porque os olhos então não acharão boa harmonia na pintura.

§. II. Os *fundos* fazem-se de diferentes côres: uns são inteiramente *escuros*; pintão-se com *bistre*, *sombra de oliveiros*, ou *sombra de colonia*, *alvaiade*, e um pouco de *negro* outros são mais *amarells*, e se-lhes-ajunta tambem muita *ochra*: outros mais *pardos*, e *escuros*, ajuntando á mesma mistura *anil*.

§. III. Outros são de uma côr escura um pouco *verdoenga*, estes são os mais usados, e proprios para pôr por detrás de qualquer figura, ou retrato; porque fazem parecer as encarnações mais bellas, e fazem-se com maior facilidade, e não dão tanto trabalho na pontuação; pois que quasi se-podem fazer de sorte, que não seja necessario pontoallos; pintão-se com *negro*, *maquim*, *alvaiade* misturados; mais ou menos de cada tinta, segundo a côr que se-quizer, clara, ou escura.

§. IV. Tambem se-fazem de uma côr *azulada*, algum tanto *cinzenta* e *suja*, que se-compõe de *alvaiade*, *anil*, e *negro*, mais ou menos de cada tinta, conforme a côr, que se-quizer.

§. V. Para pintar qualquer d'estes fundos, se-dará uma aguada, ou lavagem muito fraca, e sem corpo, com a côr que se-tiver feito para tingir pergaminho ou papel, e servir como de fundamento aos traços ou pontos, que depois se-hão-de fazer: quando ésta aguada estiver sêcca, se-dará outra algum tanto encorpada, estendendo-a muito lisamente, e a grandes pinceladas, o mais breve que poder ser, em quanto as primeiras não seccão, para que todas se-unão, não tocando segunda vez em um mesmo lugar an-

tes de sécco; porque então o segundo toque do pincel tira a tinta que se-pôz primeiro, principalmente carregando-se com elle; depois se-passa a pontoar com a mesma côr um pouco mais escura.

§. VI. Pintando-se algum Santo em qualquer d'estes fundos, e querendo fazer-lhe em roda da cabeça uma pequena glória, claridade, ou resplendor, he necessario que a côr do fundo n'esse lugar seja muito clara e palida, e sem corpo, ou não lhe-pôr côr alguma do fundo, principalmente junto á cabeça do Santo, onde o resplendor deve ser mais claro, mas dar-lhe a primeira côr com *alvaiade*, e um pouco de *ochra* misturados, e que fiquem com algum corpo, e á medida que se-pintar longe da cabeça se-irá aumentando a *ochra*; e para que ésta côr se-perca com a do *fundo* se-darão traços ora com a côr do fundo, ora com a da glória, seguindo sempre o redondo d'ella, e misturando um pouco de *alvaiade*, ou de *ochra* com a côr do *fundo* para que não fique escuro, até que a côr tanto do *fundo* como da glória insensivelmente se-percão uma na outra, e que se lhes não descubra separação alguma.

§. VII. Para fazer um *fundo* todo de glória, se-esboçará a parte mais clara com *alvaiade* e *ochra*, ajuntando-lhe mais *ochra* á medida que se-avisinhar das extremidades do quadro; e quando a *ochra* não fôr bastante para dar toda a fôrça de escuro, ajunta-se-lhe *pedra de fel de vacca*, depois um pouco de *carmim*, e por fim *bistre*. D'aqui se-entenderá que estes fundos de glória devem ser, em roda da imagem, de côr amarella muito clara, e palida, ou quasi branca, e que ésta côr se-deve ir avivando, e escurecendo cada vez mais á medida que se-vai trabalhando para o fim, e extremidade do mesmo fundo. He preciso que este esboço seja feito o mais doce e macio que fôr possível, isto he, que se não conheça differença de côr, mas que vá por gradação da mais clara para a mais escura. Depois se-pontoará com as mesmas côres, procurando que ellas em o todo do fundo pareçam uma só, que se-vai desmaiando para o centro, e escurecendo para o exterior.

§. VIII. Devendo haver nuvens, os seus claros e escuros se-pintaráõ cada vez mais fortes á proporção que estiverem mais perto da extremidade da pintura: veja-se o modo de as-pintar no artigo das paisagens, onde tambem se-trata do Ceo, e Architectura, que muitas vezes servem de fundos, assim como as mesmas paisagens.

CAPÍTULO III.

Das roupas das figuras, e outros ornatos.

§. I. A roupa branca de lã se-pinta com alvaiade, muito pouca ochra, e oiro-pimenta, ou fel de vacca, para que ella pareça algum tanto amarellada: as sombras esboção-se, e acabão-se com azul, e um pouco de negro, alvaiade, e bistre misturados, ajuntando muito d'este último para as sombras mais escuras.

§. II. Parda clara faz-se esboçando-se com alvaiade e negro misturados; acaba-se com a mesma côr mais escura.

§. III. Côr de saragoça pinta-se com a mistura de bistre, alvaiade, e vermelho escuro; assombra-se com a mesma côr mais escura, e ajuntando-lhe mais vermelho escuro.

§. IV. Ha roupas de seda tecidas com mais de uma côr (ordinariamente com duas), cujos claros não são da mesma côr que os escuros, e que com um pequeno movimento mostrão diferentes côres no mesmo lugar, por exemplo, ora são rôxas, ora amarellas; éstas roupas vulgarmente chamão-se de furta côres: com ellas he que os Pintores costumão vestir os Anjos, e as pessoas novas e esbeltas, de figura mimosa e delicada, e tambem as Divindades fabulosas; servem-se tambem d'este genero de roupas para pintar os cintos ou faixas, e vestidos ligeiros, que admittêm grande quantidade de prégas pequenas, e que pela maior parte andão sôltas, e á discrição do vento. A mais ordinaria he rôxa, que se-pinta de dois modos, uma com os claros azues, outra com elles amarellos.

Furta côres.

Claros.	União dos claros com os escuros, ou mais tintas.	Escuros.
Alvaiade, e Ultramar.	Alvaiade, Ultramar, e Carmim.	Ultramar, Carmim, e Alvaiade.
Massicote e Rom.	O mesmo Carmim, Laca, verde montanha, lîrio, ou bexiga. Os escuros d'êsta não devem ser muito fortes.	

§. V. Podem-se fazer ainda de muitas sortes, com tanto que se-attenda á união das côres, não sómente em uma mesma rou-

pa, mas também em um grupo de figuras (*); evitando, quanto fôr possível, que a côr azul vá proxima, ou immediata á côr de fogo, e o verde ao negro, e do mesmo modo outras, cuja união ficaria extremamente aspera, e desagradavel á vista.

§. VI. Pintão-se roupas de outras muitas côres menos preciosas, e que não são puras e primitivas, quero dizer, que não são puramente azues, vermelhas, ou amarellas, nem mesmo verdes, ou rôxas, como a côr que resultaria da mistura do vermelho escuro com bistre e anil: n'estas composições de côres, que resultão da mistura de algumas tintas, he sempre necessario observar o accôrdo, a união, a harmonia, e amizade que pôde haver entre as tintas, a fim de que a sua mistura não vá compor uma côr intoleravel á vista, e desmanche a doçura que ésta mesma vista deve achar no todo da pintura. Não se-podem dar regras particulares a este respeito; a experiencia, e uso continuado farão conhecer a força, e o effeito de taes e taes combinações de tintas, e com este conhecimento se-caminhará mais seguramente.

§. VII. Querendo ondear algumas roupas de sedas, se-farão as ondas com uma côr, ou mais clara, ou mais escura, sôbre os claros, e sôbre as sombras, depois de acabada a roupa, como se não houvesse de ser ondeada.

§. VIII. As de linho, depois de desenhadas as suas dobras, pintão-se com uma demão de alvaiade dado geralmente por toda a roupa; os escuros com a mistura de ultramar, negro, mais ou menos alvaiade, segundo as sombras forem fortes ou brandas: para escurecer mais ajunta-se bistre, e sómente com este se-farão as sombras mais escuras: será tudo amaciado com as mesmas côres.

§. IX. Podem-se fazer de outro modo, dando geralmente por toda a roupa uma demão com a mistura de ultramar, negro, e alvaiade, cuja côr fique muito palida e branda, e esboçando as sombras com a mesma mistura um pouco mais escura de côr; e quando estiverem pontoadas, e acabadas as sombras, se-realção os claros com alvaiade puro, confundindo-os com o resto. Porém depois de acabado tudo de qualquer dos dois modos que fôr feito, se-lhes-darão em algumas partes com ouro-pimenta, e alvaiade, umas manchas muito brandas, e amarelladas, de sorte que fiquem éstas manchas quasi imperceptiveis.

§. X. Costuma-se ordinariamente para ornato das cabeças das

(*) Vide. Parte 1.^a Cap. 7.^o §. 17.

mulheres pintar uns panos amarelllos, que, pela côr, pelas dobrás, e pelas sombras, parecem ser finos, e ligeiros: com elles tambem se-lhes-ornão as gargantas, ou peitos, que não são cobertos com outra roupa: a côr faz parecer ainda melhor qualquer colorido mimoso das carnes estes panos pintão se com a mistura de alvaiade, e um pouco de ochra escura: esboção-se, e acabão-se depois as sombras com a mesma mistura, ajuntando-lhe bistre; e no maior escuro, com este só simplesmente: antes porém de as-acabar, se-lhes-farão algumas pequenas manchas amarellas com ochra e alvaiade; e outras azuladas com ultramar e alvaiade, tanto sôbre os claros, como sôbre os escuros; e depois se-confundirá tudo com os pontos, e por fim se-realção os claros com massicote e alvaiade. Tanto a estes linhos amarelllos, como aos brancos se-podem fazer duas ou tres listras, ou riscos de espaço em espaço, de côr azul muito clara nos claros, e mais escura nas sombras, e do mesmo modo tambem duas ou tres vermelhas.

§. XI. Querendo os-fazer transparentes, e que deixem vêr o que fica por baixo, seja roupa, ou seja carne, he necessario dar a primeira demão muito clara, e misturar na côr das sombras uma pouca d'aquella côr, que se-deve vêr por entre o pano transparente, principalmente no fim das sombras; e fazer a extremidade dos claros dos panos amarelllos com a mistura de massicote, e alvaiade sômente, e a dos claros dos panos brancos com alvaiade, e alguma coisa de azul. Podem fazer-se de outro modo, principalmente os brancos, como caças, escomilhas, ou quaesquer véos brancos de seda transparentes; e he fazendo, e acabando o que ha-de ficar por baixo, como se não houvesse de lhes-pôr por cima coisa alguma, e marcando o alto das prégas claras com alvaiade e massicote, e as prégas escuras com bistre, negro, azul, e alvaiade, segundo a côr de que elles forem.

§. XII. O véo preto chamado fumo faz-se do mesmo modo, excepto que todas as prégas tanto claras, como escuras, e as extremidades de tudo, devem ser feitas com um pincel de ponta muito fina a riscos delgados, e compridos com côr negra por cima da carne ou roupa, ou outra qualquer coisa, que já então deve estar acabada.

§. XIII. As rendas fazem-se dando uma tinta com a mistura de ultramar, negro, e alvaiade como para os linhos; depois se-realção as flores, ramos, e qualquer lavor com alvaiade puro, e se-lhes-fazem, e acabão as sombras por cima com a primeira côr; e quando ellas forem sôbre encarnação, ou outra coisa que deva vêr-se por baixo, isso se-acabará de todo o principio, e depois se-fará a renda por cima com alvaiade puro, assombrando, e acabando com a mistura já dita.

§. XIV. Huma pelle será esboçada como qualquer roupa ; se fôr parda ou escura , será com bistre e alvaiade misturados , mais d'este para os claros , e mais d'aquelle para as sombras : e sendo ella branca , será esboçada com a mistura de azul e alvaiade ; ajuntando-lhe bistre para as sombras : estando feito o esbôço , não se acaba com pontos redondos , mas sim com pequenos traços , voltando-os ora de uma sorte , ora de outra , do mesmo modo que se-vê o pêllo : os claros da parda realção-se com ochra , e alvaiade misturados , tambem a traços ; e os da branca com alvaiade misturado com um pouco de azul , e tambem do mesmo modo.

§. XV. Além das roupas ha outras coisas que servem de ornato ás figuras , taes são por exemplo as pérolas. E'stas pintão-se com uma demão de alvaiade , e um pouco de azul : assombrão-se , e arredondão-se com a mesma côr um pouco mais escura da-se-lhe depois um pequeno toque branco com alvaiade da parte do claro ; e da outra parte entre a sombra e a extremidade da perola setocará com massicote para lhe-fazer o reflexo : por baixo de cada perola se-farão umas pequenas sombras da côr do fundo sôbre que ellas estão.

§. XVI. Os diamantes fazem-se com negro puro , e se-realção da parte do claro com pequenos toques de alvaiade. He o mesmo para pedras de outra côr ; não ha senão mudar de tintas , dando os claros , e os escuros muito fortes.

§. XVII. Para o ouro ; dá-se uma demão com ouro de concha , assombra-se com pedra de fel de vacca a prata com prata de concha , assombra-se com anil porêm na pintura melhor he procurar imitar com côres tanto o ouro como a prata : a experiencia de copiar pinturas ensinará muito bem.

§. XVIII. O ferro pinta-se com a mistura de alvaiade , anil , e negro ; acaba-se com anil puro , e realça-se com alvaiade puro.

(Continuar-se-ha.)



JORNAL DE COIMBRA.



Num. XXXI.

Parte II.

Dedicada a todos os objectos que não são
de Sciencias Naturaes.

ART. I.

BREVE TRATADO DE MINIATURA.

P A R T E II.

(Continuado do Num. antecedente pag. 313.)

CAPÍTULO IV.

Das Encarnações.

§. I. **A**S encarnações são de coloridos tão differentes, que he impossivel dar regras para todas; como porém os principiantes, para quem sómente destino esta pequena obra, tem necessidade de instrucções, direi o modo de fazer algumas, para que depois com o uso e experiencia possam fazer outras de diversos coloridos. Advirta-se em primeiro lugar, que um principiante não

deve pelas primeiras vezes pintar de sua ideia, mas sim copiar alguma cabeça, ou corpo nú que seja bem pintado, e de colorido fresco e mimoso, que he o que julgo de menor difficuldade.

§. II. Em um colorido mimoso se-observão ordinariamente quatro côres (não fallando nas sombras) que são, branca, vermelha, azul, e amarella; cadaúma deve ser posta no seu competente lugar: a côr branca junta-se com algum vermelho, e um quasi nada de amarello, he a que domina geralmente em todo o corpo; a vermelha, e a amarella nas partes aproximadas, e a azul nas partes fugitivas. A testa sempre tem a sua côr mais clara e temperada á proporção do colorido de todo o rosto, mas junto ás sobancelhas já a côr he um pouco mais avermelhada; nas fontes da cabeça se-vê uma côr azulada; as palpebras dos olhos são alguma coisa avermelhadas; algum tanto mais o nariz do meio para baixo, e com augmento para a ponta; as faces mais avermelhadas; os beiços bem se-vê que são mais que tudo; as orelhas algum tanto mais vermelhas, que o colorido principal, porém menos na ameadade inferior; a côr amarella vê-se nas partes aproximadas (de que fallarei adiante, como tambem das fugitivas).

§. III. No corpo deve notar-se que as carnes são mais vermelhas onde ha juntas, como nos hombros, cotovelos, mãos, nade-gas, joelhos, artelhos, e pés: as palmas das mãos sempre são mais vermelhas que as costas: os dedos das mãos e dos pés sempre tem a côr mais vermelha, e com augmento para as pontas; além d'isto na junta das clavículas junto ao osso da garganta, nos peitos, na barriga, e nos genitaeas he a côr mais avermelhada, e no resto he a côr de carne temperada com muito pouco vermelho. Para que qualquer d'estas côres seja dada em gráo de fôrça conveniente, e em seu devido lugar, deve-se observar com muita attenção o natural, principalmente quando se-pintão retratos. O modo de pintar he o seguinte.

§. IV. Tendo desenhado a figura, e querendo fazer um colorido mimoso, como o de mulher, ou de menino, se-dará geralmente por tudo o que ha-de ser encarnação uma côr feita de alvaiade, misturado com muito pouco da côr verde (preparada para as encarnações). Se a figura fôr de homem, em lugar do verde, será vermelhão, e se de velho se-lhe-ajuntará ochra. Esta primeira mão de tinta ha-de ser quasi sem corpo, muito sôlta, branda, e que apenas se-veja; muito liza e igualada a grandes pinceladas, e com a ligeireza que fôr possível, estendendo a tinta antes que as primeiras pinceladas séquem, para que se-unão todas.

§. V. Toquem-se depois todos os traços do desenho com a

mistura de **vermelhão**, **carmim**, e **alvaiade** : esbocem-se todas as sombras com a mesma mistura, ajuntando-lhe mais alvaiade para as que forem mais fracas ; e nos lugares onde fôr necessario dar toques fortes, se-pintará com a mistura de **vermelhão**, e **carmim** sómente, e se se-juntar alvaiade, será um quasi nada : os toques fortes dão-se nos lagrimaes dos olhos, e abertura d'estes, por baixo do nariz, em roda da ponta d'este, nas ventas, na separação dos beiços, nas orelhas, por baixo da barba em roda, na separação dos dedos, em roda das unhas, e geralmente onde se-deve marcar alguma divisão, e onde as sombras hão-de ter mais força de escuro ; e ainda que pareça que ficão muito fortes, com tudo não deve recear-se, porque as differentes misturas de tintas, e principalmente a verde com que se ha-de pintar, enfraquecerá o vermelho que já na pintura estiver posto.

§. VI. Esboçadas d' ésta sorte as sombras com **vermelho**, se-darão algumas côres azuladas nas partes fugitivas com a mistura de alvaiade e azul para as encarnações : isto he, nas fontes da cabeça, por baixo, e ao lado dos olhos, da parte do nariz, nos cantos da bôca, no meio da testa, no nascimento do nariz em direitura dos olhos, no fim das faces para a parte das orelhas, no pescoço ; em fim em todas as partes onde a carne tem não sei que de azulado : éstas côres achão-se no natural onde a carne he mais mimosa, e a pelle mais fina : confundem-se, e perdem-se com a côr mais branca da carne.

§. VII. Depois se-darão tambem algumas côres amarelladas nas partes aproximadas, como na testa logo por cima de cadaúma das sobrancelhas, aos lados do nariz para baixo : por baixo da côr vermelha das faces, e em todas as partes que forem mais saídas para fóra, e a carne mais grossa, e menos mimosa. na côr, estes amarellos se-devem confundir com o vermelho da carne ; e serão dados com a mistura de ochra, ou ouro pimenta, **vermelhão**, e **alvaiade** : tanto éstas côres amarellas, como as azues devem ser muito fracas, e pouco sensiveis, depois, sendo necessario, se-fortificará. (*)

§. VIII. Esboçado d' ésta maneira o rosto, (e á imitação d' elle todo o corpo) segue-se a pontuação das sombras : a côr verde faz um bello effeito, sendo necessario ajunta se-lhe mais ultramar ou anil fino, para as partes que acima referi, ou para outras semelhantes ; e para as outras menos mimosas, e mais aproximadas ajunta-se ao mesmo verde mais amarello, se fôr necessario : e no

(*) Aqui se-deve fazer menção da côr, que na cara faz a barba feita.

fim das sombras da parte do claro he preciso confundir a côr, usando da côr azul, ou verde, e depois da vermelha, segundo o lugar em que se-fôr pintando: trabalha-se ora com uma côr, ora com outra, até se-achar a côr de carne que se-pertende. E se com éstas côres não se-podêr dar ás sombras toda a força de escuro, que ellas devem ter, se-usará de bistre misturado com ouro pimenta, ochra, ou vermelhão: e querendo escurecer ainda mais, se-usará de bistre sómente, mas qualquer d'éstas côres deverá ser muito branda e clara.

§. IX. Nos claros se-pontoará com um pouco de vermelhão, ou carmim, misturado com muito mais alvaiade, e para fazer perder estes claros com as sombras, se-lhe-ajuntará muito pouca ochra, que fará confundir as tintas umas com as outras, e tambem os traços. Note-se que os traços tanto do esbôço, como da pontuação, que seguirem o contórno das carnes, devem sempre ficar algum tanto mais sensiveis, que os que levarem differente direcção, para que as partes se-vão arredondando, e levantando, e pareçãO que tem relêvo; observem-se as estampas bem abertas.

§. X. Como porém ésta mistura fará um colorido muito vermello, usando muito d'ella, para confundir as côres e as sombras, se-deverá trabalhar tambem em tudo com a mistura do azul e do verde, que já disse, e alvaiade, em tal porção que a côr fique muito desmaiada, exceptuando as faces, que devem ser mais vermelhas que o resto, e a ponta do nariz e da barba, e tambem a extremidade dos claros, que devem ficar com toda a viveza de côr, como a parte mais alta da testa, e o alto das faces. Advirta-se que éstas duas misturas do azul e do verde devem ser tão pallidas e fracas, que apenas se-possa vêr o augmento do trabalho, porque ellas são só para adoçar, e amaciar a pintura; fazendo a união de umas côres com outras, e das sombras com os claros, e abrandar tambem os traços, e toques fortes. He necessario não trabalhar com demasiado vermelho sôbre o azulado, nem pelo contrario, para que a côr não fique arrôxada; deve-se mudar de quando em quando para o uso de outras côres, que parecerem convenientes até o fim da obra.

§. XI. Para pintar os olhos, que já devem estar desenhados, se-esboçará o branco d'elles com uma côr de carne muito clara misturada com a côr azul, porque elles sempre são azulados, e com as mesmas côres um pouco sujas com muito pouco nanquim se-arredondará; os lagrimaês, que são os cantos da parte do nariz fazem-se com vermelhão, e alvaiade misturados, assombrando-os com carmim, de sorte que não fiquem demasiadamente vermelhos; adoça-se a côr, estando forte, com alvaiade, um pouco de

vermelhão, e carmim; e sendo necessario se-lhes-ajuntará ochra. O iris do olho, que he o círculo pardo, ou azul, ou de outra côr, pinta-se; se os olhos forem azues, com ultramar e alvaiade, e sendo amarellados se-lhe-ajuntará bistre, e se forem pardos um pouco de negro faça-se no meio d'este círculo um pequeno redondo puramente negro, que he a menina do olho, em roda do qual se-dará um pequeno toque com vermelhão, que se-fará perder insensivelmente com a côr do iris, o qual toque dará viveza ao olho. O iris assombra-se com anil, ou bistre, ou negro segundo a côr, e deve ser mais escuro na extremidade do que pára o centro.

§. XII. O contorno dos olhos, quero dizer, a abertura das palpebras onde estão as pestanas, se-faz, sendo éstas fortes principalmente as de cima, com bistre e carmim, e sendo necessario se-ajunta muito pouco nanquim: he preciso fazellas de sorte que não pareçam golpes, e se-abrandão com as côres, ora vermelhas, ora azuladas. Feito isto se-dará um toque de alvaiade puro no iris, ou na menina, da parte da luz, o que fará brilhar o olho, e parecer animado. Póde-se tambem realçar o branco do olho da parte da luz com alvaiade puro, e assim ficará mais redondo.

§. XIII. A bôca esboça-se com vermelhão e alvaiade; acaba-se com carmim, e para os cantos d'ella, e separação dos beiços, se o carmim não escurecer quanto basta, se-ajuntará bistre, que he indispensavel para fazer as que forem algum tanto abertas.

§. XIV. Os cabellos pintão-se dando uma demão de muito pouco corpo com a mistura de bistre, ochra, e alvaiade, e algum vermelhão; se elles forem muito escuros he necessario usar de negro em lugar de ochra: esboção-se depois as sombras com a mesma mistura, mas com menos alvaiade: os cabellos acabão-se com bistre puro, ou misturado com ochra, ou negro (segundo a côr d'elles) a pequenos traços muito delgados, e juntos, fazendo-os ondedados ou anelados, conforme fôr o penteado, ou o natural d'elles: he preciso tambem realçar os claros com pequenos traços de ochra, ou ouro pimenta, alvaiade, e um pouco de vermelhão, e por fim se-farão perder os claros com os escuros, trabalhando já com a côr escura, já com a clara. (*)

(*) Os cabellos nunca se-farão com pontos redondos, excepto se o cabelo fôr cortado muito curto, e como de escovinha, levantado: os traços encruzados tambem não servem. Os mesmos cabellos ensinão como deve ser.

§. XV. Os cabellos, que estão em roda da testa, e cuja raiz se-vê, não devem ser feitos senão depois de feita a côr de carne, que se-vê por entre elles, a qual n'este lugar deve ser primeiro assombrada, e acabada como se houvera de ficar sem elles : depois se-lhe-pintão por cima com bistre, e os realces dos claros se-farão como acima fica dito.

As sobrançelhas e barbas esboção-se com a mesma côr das sombras da encarnação : os cabellos d'ellas se-acabão com bistre, ochra, ou negro, segundo a côr que deverem ter ; fação-se os cabellos a pequenos traços, dando-lhes as voltas naturaes : os claros realção-se com ochra, bistre, um pouco de vermelhão, e muito alvaiade.

§. XVI. Os cabellos ruços pintão-se com alvaiade, negro, e bistre misturados ; acabão-se com a mesma côr um pouco mais escura, realçando os claros com alvaiade puro, ou misturado com muito pouco anil : o mesmo he a respeito das sobrançelhas e barbas da mesma côr ruça ; tendo-as esboçado primeiro com côr de carne assombrada, se-acabão com bistre.

He de grande importancia amaciar a pintura, e procurar que as côres imperceptivelmente se-percão, e se-confundão umas com as outras, de sorte que não haja differença nos cabellos que estão em roda da testa, e deixão vêr a carne, d'aquelles que estão mais espessos.

§. XVII. Podem fazer-se facilmente coloridos differentes pondo mais ou menos vermelho, azul, amarello, ou bistre tanto no esbôço, como na pontoação, como quando se-acaba retocando, e realçando ; o colorido das mulheres deve ser algum tanto verdoengo, esverdeado, azulado : o dos meninos um pouco avermelhado, um e outro fresco, mimoso, e agradável : o dos homens algum tanto amarellado, principalmente se elles forem velhos.

§. XVIII. O colorido de uma pessoa morta se-faz dando por toda a carne uma tinta muito palida, e quasi sem corpo, composta de alvaiade e oiro pimenta, ou ochra ; esboção-se as sombras com vermelhão, e laca em vez de carnim, e muito alvaiade, tudo misturado : trabalha-se depois por cima com a côr verde, em que domina mais a côr azul, para que a carne pareça livida, ou arrôxada : as côres azuladas e amarelladas se-fazem como as dos outros coloridos ; he necessario porém que as azues sejam mais que as amarellas, e mais sensiveis, principalmente nas partes fugitivas, e em roda dos olhos ; e que não haja amarellas senão nas partes mais aproximadas : confundão-se as côres todas, como tenho dito, já com azul muito fraco, já com ochra e alvaiade, e muito pouco vermelhão ; amaciando todas as partes e contornos com as mesmas côres.

A bôca deve ser quasi rôxa : esboce-se primeiro com vermelho, ochra, e alvaiade misturados ; acaba-se com laca e azul : para os toques fortes usa-se de bistre e laca, e com ésta mistura se-tocará as aberturas dos olhos, o nariz, e as orelhas.

Se a figura fôr de Christo, ou de algum Martyr, em que deva apparecer sangue, se-fará depois de acabada totalmente a encarnação, esboçando-o com vermelho, e acabando-o com carmim : nas gotas do sangue se-dará um pequeno toque com alvaiade, para que pareção redondas e levantadas.

§. XIX. Acabada de todo qualquer encarnação do corpo, tanto nas sombras, como nos claros, deve-se com leves toques de carmim e oiro pimenta misturados avivar, sendo necessario, algumas separações das partes do corpo ; porém de sorte que não pareção rigorosos perfis ; porque uma das maximas mais importantes para as encarnações ficarem boas, he que fiquem descontornadas, isto he, que os seus contornos sejam bem desmanchados, e que as carnes pareção que fogem nas suas extremidades, de maneira que a nossa vista julgue que ha ainda mais do que vê : eis-aqui o que os Italianos chamão *doce* e *esfumado*. Deve-se além d'isto procurar que as carnes sejam naturaes com alguns reflexos, que fazem umas sobre as outras ; porque estes reflexos as-fazem parecer algum tanto transparentes e brandas, e lhes-dão relêvo : ás carnes assim pintadas chamão os Italianos morbidas : tambem se-lhes-farão alguns reflexos com a côr de alguma roupa, ou de outra qualquer coisa clara, que estiver junto d'ellas : tudo isto dará grande perfeição aos coloridos.

§. XX. Atéaqui tenho dito o modo de pintar as carnes em papel e pergaminho, mas se ellas houverem de ser pintadas em marfim nunca deve usar-se de alvaiade senão em os realces dos claros dos olhos, e nas meninas d'estes, reservando e poupando o branco do mesmo marfim em que se-pinta para os realces do resto das carnes : tambem não se-deve dar a primeira côr de que já fallei, mas, feito o desenho, começão-se logo a esboçar as sombras, as côres azuladas, amarelladas, avermelhadas, etc. e depois se-passa a pontoar primeiramente sombras mais fortes, depois as meias tintas, e ultimamente os claros, observando sempre ésta ordem, e continuando com as côres compostas até chegar ao lugar onde devem ser os realces, em que se não tocará senão por fim com uma côr muito fraca. As tintas são éstas : para vermelho, carmim, vermelho, e terra de Italia ; para azul, ultramar, ou cinzas azues, flôr de anil, anil fino ; para amarello, maquim escuro, que não atire para verde, porque então não presta, pedra de fel de vacca, e ochra escuro ; para os escuros ou sombras, sombra de colonia, bistre, e tinta da china ; d'éstas escolhão-se as que parece-

rem convenientes para o colorido que se-pertender fazer. Quem tiver a facilidade de pintar bem naturalmente as carnes em pergamino ou papel, esteja certo, não obstante éstas differenças, que com o uso fará o mesmo no marfim.

CAPÍTULO V.

Das Paizagens. ()*

§. I. Para fazer uma miniatura em que se-representa um Paiz, he necessario ter em vista o que dissemos da natureza, e diversas qualidades das tintas e côres; porque o bom uso que d'ellas se-fizer conduzirá muito para fingir, e imitar os differentes lugares e partes de um paiz, representando os objectos que pareçam estar uns mais perto, outros mais longe, de sorte que a vista quasi se-engane. Os bons Pintores de Paizes observão sempre a regra de pôr nas primeiras linhas das suas paizagens as côres mais terrestres, e sensíveis para imitar os pertos, e reservão as mais ligeiras e fugitivas para os longes.

§. II. Para pintar pois um paiz se-principia pela parte superior do Ceo, e se-vai diminuindo a viveza da côr á proporção que se-vai descendo para o Orisonte; depois se-pintão os terraços mais distantes, que são aquelles que parecem chegar até ao Ceo; e assim se-vai descendo pelo quadro até chegar á parte inferior d'este, onde se-representão os objectos mais visinhos, e proximos á nossa vista.

§. III. O Ceo com seu Orisonte he a primeira côr que se-deve acabar de pintar: depois as nuvens: finalizadas éstas coisas se-seguirá para acabar a pintura a mesma ordem que já disse, sendo a última coisa que se-pinta as árvores grandes, que occupão a maior parte do quadro, e que são mais aproximadas; em uma palavra, o objecto que quizermos representar mais perto de nós será a última coisa que se-deve fazer e acabar.

§. IV. Feito todo o desenho do paiz, se-pintará o Ceo, o qual (querendo significar o dia) se-fará do modo seguinte: misture-se ultramar e alvaide em maior quantidade, com ésta mistura, que deve ser de côr mui clara e fraca, se-dará uma demão por tudo o

(*) Trait. de Miniatur. pag. 60. — Cours de Peint. par. prim. p. 158. — Elem. de Peint. p. 276. — Recueil de Peint. p. 340. — Maniere de Grav. p. 78, 79, 80.

que he Ceo com pincel de muito pêllo, grosso, e a grandes pincelladas, de sorte que a tinta fique muito liza e igual, o mais que podér ser; ajuntando cada vez mais alvaiade, para que a côr vá sendo para baixo mais desmaiada até chegar ao Orisonte; este se-fará com a mistura de alvaiade e vermelhão, ou zarcão; imitando a côr natural com que vemos acabar o Ceo, um pouco porém mais palida, fazendo perder o azul do Ceo com o vermelho do Orisonte, que desce até tocar nos ultimos longes: e para isto se-darão algumas pincelladas entre o azul e o vermelho, com a mistura de pedra de fel de vacca, e muito alvaiade, até que éstas côres differentes fiquem confundidas, e não se-distinguão. A côr do Orisonte quanto mais para baixo mais palida deve ser.

§. V. Havendo nuvens, pôde-se reservar lugar para ellas, não pintando ahi o Ceo; mas esboçando-as se forem avermelhadas com alvaiade, vermelhão, pedra de fel de vacca, e um pouco de anil misturados; e querendo-as mais escuras, se-ajuntará mais anil: os claros de umas e outras se-farão com alvaiade, massicote, e vermelhão, mais ou menos de uma ou outra tinta, segundo a côr que lhes-quizermos dar, e se-arredondão e acabão pontuando com as mesmas côres. Se o Ceo sómente esboçado não ficar bom, também se-deve pontuar: o modo de o-fazer he dando riscos ou traços compridos, igualmente grossos, distantes, e parallelos, isto he, em direitura uns dos outros, de sorte que nunca se-cortem, ou cruzem, e todos serão dados orisontalmente da esquerda para a direita: em fim observe-se o mesmo que vemos nas estampas de buril. A pontuação das nuvens pôde ser de qualquer modo. As nuvens também se-podem pintar não tendo reservado lugar para ellas sobre a côr do Ceo, ou do Orisonte, realçando os claros com muito alvaiade misturado com as tintas já ditas, e fortificando as sômbas do mesmo modo: este methodo he mais breve e melhor.

§. VI. Sendo o Ceo de noite, ou tempestade se-pinta com anil, negro, e alvaiade misturados: ésta mesma mistura serve para as nuvens ajuntando-lhe ochra e vermelhão, ou vermelho escuro: os claros d'ellas serão feitos com massicote, ou zarcão, e alvaiade, fazendo uns vermelhos, outros amarellas, segundo a nossa vontade: mas se em o Ceo de tempestade quizermos fazer alguns claros, já azues, já vermelhos, se-farão como os de dia, confundindo tudo tanto quando se-esboça, como quando se-acaba. O Ceo deve ser a coisa mais clara e luminosa do paiz, tudo o mais lhe-deve ceder em luz: as águas, e os corpos lustrosos e polidos, porque recebem o reflexo, são os mais claros e luminosos abaixo do Ceo. Mas o Ceo não deve ser todo brilhante, a maior força de claridade deve ser só de uma parte, e para a-fazer mais sensível a-deve contrapôr a algum objecto terrestre de côr algum tanto es-

cura, como uma árvore, uma torre, ou qualquer edificio um pouco elevado.

§. VII. Os ultimos longes do paiz, isto he, os terraços ultimos e mais distantes em que toca o Orisonte, devem ser azulados; pintão-se com a mistura de ultramar e alvaiade, ajuntando para alguns lugares um pouco de vermelhão para significar os reflexos, que recebem do Orisonte.

Os terraços, que estiverem menos longe que estes, tambem devem ser azulados, porém menos; pintão-se com a mistura de verde mar, e um pouco de azul: assombrão-se com verde montanha.

Os immediatos se-esboção com verde montanha, assombrão-se e acabão-se com verde bexiga, ajuntando-lhe bistre para dar em algumas partes alguns toques.

Para pintar os que são mais visinhos, e aproximados á nossa vista, se-fará o esbôço, querendo-os escuros, com verde bexiga, ou de lirio, bistre, e um pouco de verde montanha para que a mistura fique com algum corpo: a pontoação será com a mesma côr, um pouco porém mais escura, e para alguns toques se-lhe-ajuntará negro.

Sendo porém estes mesmos terraços claros, a côr para o esbôço será feita com ochra e alvaiade, e um pouco de verde: assombrão-se e acabão-se com bistre, ajuntando-lhe algumas vezes verde, principalmente para as sombras, e para os-acabar.

Havendo terraços avermelhados adiante de tudo, serão esboçados com vermelho escuro e alvaiade, e um pouco de verde misturados; acabão-se com a mesma mistura ajuntando-lhe um pouco mais de verde.

§. VIII. As hervas, e folhas que se-vem nos terraços, que ficão na parte inferior do quadro, e que são as mais aproximadas de todas, se-esboçarão depois d'elles acabados, com verde mar ou de montanha, e um pouco de alvaiade, e para as que forem amarelladas se-ajuntará massicote; assombrão-se umas e outras com verde lirio, ou com bistre e pedra de fel de vacca, se quizermos que ellas pareçam sêccas.

§. IX. As águas pintão-se com anil e alvaiade; assombrão-se com a mesma côr mais escura; e para as-acabar, em lugar de pontos, se-darão traços do mesmo modo que se-acaba o Ceo, sendo ellas mortas; e havendo ondas, os riscos seguirão a direcção d'ellas; he necessario ajuntar tambem algum verde para alguns lugares; os claros serão realçados com alvaiade puro, principalmente onde a agua parece que ferve, e faz espuma.

§. X. Os rochedos esboção-se com anil, bistre, e alvaiade misturados com um pouco de verde; diminuindo o alvaiade para fazer as sombras, e sendo o bistre mais que o anil: tambem se pôde juntar ochra tanto para os-esboçar, como para os-acabar: fação-se-lhes algumas manchas azuladas com ultramar, e amarelladas com ochra, juntando-lhe sempre alvaiade, que se-farão perder, e confundir com o resto quando se-acabar. E havendo n'elles pequenos ramos com folhas, musgo, ou herva; se-farão por cima, depois de acabados, com verde e massicote; podem fazer-se avermelhadas ou amarelladas para que pareção sêccas da mesma maneira que a dos terraços: os rochedos não devem ser pontoados com pontos redondos, use-se dos cruzados e dos compridos: note-se que quanto mais longe estiverem mais pardos ou cinzentos devem ser.

§. XI. Havendo architectura, e se ella fôr de pedra, será esboçada como os rochedos, excepto que se não deve ajuntar ás outras tintas o verde, nem para o esbôço, nem para as sombras e pontoação. Se a architectura fôr velha, como mausoléos, ou castellos antigos, para que fique mais natural, se-lhe-farão tambem as manchas azuladas, e amarelladas de que fallei. E querendo que estes edificios pareção distantes, he preciso misturar vermelho escuro, e vermelhão com muito alvaiade, e com ésta mistura fazer o esbôço, e as sombras, que devem ser muito fracas quanto mais longe menos fortes devem ser tambem os seus traços, e menos perceptivel a miudeza da architectura; e como os telhados são ordinariamente de uma pedra azulada chamada ardozia (a) se-pintaráo com uma côr azulada, e algum tanto suja.

Porém sendo a architectura de páo, pôde pintar-se de muitos modos: o mais ordinario he esboçar com ochra, bistre, alvaiade, e acabar sem alvaiade, ou muito pouco: as sombras fortes se-farão com bistre simples. Para architecturas de outra côr se-ajunta tambem á mesma mistura ora vermelhão, ora verde, ora negro; em uma palavra, segundo a côr que quizerem dar-lhes.

§. XII. As chammas de fogo se-pintão, dando uma côr algum tanto azulada na parte inferior d'ellas, sôbre a materia que arde: pouco acima se-deve confundir com branco, e mais acima se-usa de massicote, e oiro pimenta: nas sombras se-lhes-mistura vermelhão e carmim.

§. XIII. O fumo pinta-se com negro, azul, e alvaiade misturados; e algumas vezes com bistre: pôde-se ajuntar vermelhão, ou ochra, segundo a côr que se-pertender.

(a) Schistus ardezia Linn. (Redact.)

§. XIV. As árvores não se-pintão senão depois de acabado o Ceo totalmente; porém se ellas occuparem grande parte d'elle, pôde essa parte deixar de ser pintada de azul, principalmente onde a espessura dos ramos não deixa vêr o Ceo: de qualquer modo que se-faça, as de mais perto serão esboçadas com verde montanha, misturando-lhe algumas vezes ochra: assombrão-se com a mesma côr ajuntando-lhe verde lirio; depois se-farão as folhas por cima do esbôço, dando traços algum tanto compridos, e não oscruzando, com uma côr um pouco mais escura, e algum tanto de-negrida; estes traços se-devem principiar da parte do nascimento das folhas, fazendo pequenas ramadas com uma côr um pouco mais escura: os claros se-realção depois com a mistura de verde montanha, ou de verde mar e massicote, fazendo as folhas do mesmo modo: e havendo ramos ou folhas sêccas, serão esboçadas com vermelho escuro, ou fel de vacca, sem alvaiade, ou com bistre puro.

O tronco deve ser esboçado com ochra e alvaiade, se elle fôr claro; e sendo escuro ajunta-se um pouco de negro: para assombrar um e outro ajunta-se á mesma mistura bistre e verde. Também se-lhes-darão algumas côres amarelladas e azuladas, e em algumas partes pequenos toques com alvaiade ou massicote, como se-vê ordinariamente nas cascas das árvores. Os braços, que apparecem por entre as folhas, se-pintaráo com ochra, verde montanha e alvaiade, ou com bistre e alvaiade, segundo a luz que elles receberem: as sombras se-lhe-farão com bistre e verde lirio.

§. XV. As árvores, que estiverem um pouco mais distantes, esbocem-se com verde montanha, e verde mar misturados; assombram-se e acabem-se com as mesmas tintas misturadas com verde lirio: e havendo algumas ramadas, que devão ser amarelladas, esboção-se com ochra e alvaiade, e se-acabarão com fel de vacca.

As que estiverem mais longe devem ser esboçadas com verde mar, com o qual se-mistura verde ultramar para as-acabar: os claros de umas e outras se-realção com massicote, fazendo pequenas folhas separadas.

§. XVI. O mais difficultoso da paizagem, e quasi que tambem da miniatura he fazer bem as folhas das árvores, e das plantas ou hervas: para aprender a fazellas, e para desembaraçar a mão he necessario copiar muito por bons exemplares.

Concluir-se-ha em o Num. seguinte.

JORNAL DE COIMBRA.



Num. XXXII.

Parte II.

Dedicada a todos os objectos que não são
de Sciencias Naturaes.

ART. I.

BREVE TRATADO DE MINIATURA.

P A R T E II.

(Continuado do Num. antecedente pag. 3.)

CAPÍTULO VI.

Das Flores.

§. I. **D**E todos os objectos que se-pintão em miniatura o menos penivel e mais delectavel são as flores, tanto por causa do pouco tempo que se-gasta em as-pintar, como pelo brilhante das suas côres differentes : ellas não se-podem pintar com toda a sua natureza e propriedade sem que sejam copiadas das naturaes: como porém não ha todas em todo o tempo, será muito acertado fazer

uma collecção de cópias de algumas, que sirva de modéllo quando não as-houver: por tanto deve-se copiar as que quizerem cadaúma no seu tempo com uma escrupulosa curiosidade assim a respeito da sua figura e grandeza, como das suas côres; e isto do mesmo modo que fazem os Retratisistas, que procurão assemelhar a sua figura com uma certa e determinada pessoa, de sorte que não faça lembrar outra senão aquella mesma que querem representar. Se se-fizer de cada flôr duas ou tres cópias em diferentes pontos de vista, isto he, vista por cima, por baixo, e por um dos lados, mais rica ficará a collecção.

Tendo pois ésta collecção para estudo, na falta de originaes de bons pintores, em todo o tempo se-poderá com facilidade arranjar bellos gruppas, ou festões de flores; mas como muitas vezes servem de exemplares as estampas onde sómente se-vê a côr branca do papel, e a negra da impressão, por isso me-proponho dizer o modo de pintar algumas, para que as pessoas que quizerem ter este divertimento, e não souberem a prática se-possão conduzir.

§. II. A regra geral he que as flores tambem se-desenhão com carmin, e se-esboção como as outras coisas; o modo porém de as-esboçar, e de as-acabar he differente; porque devem ser esboçadas sómente a grandes pinceladas, dadas logo ao principio com a mesma direcção que hão-de ter os traços, que hão-de acabar, e aperfeiçoar as flores; o que ao depois serve de muito.

§. III. Para as-acabar, em lugar de pontos redondos, ou traços cruzados, se-usará de pequenos traços todos com a mesma direcção que hão-de ter as folhas da flôr: estes traços serão riscos muito finos, e muito chegados uns aos outros, continuados com igual distancia de sorte que nunca se-cruzem, os quaes serão repetidos tantas vezes até que as sombras, e os claros tenham a força de côr que se-lhes-quizer dar.

Rozas vermelhas.

§. IV. Tendo desenhado a Roza, será a primeira demão dada com carmin e alvaiade, cuja côr fique muito clara; depois se-esboçarão as sombras com outra côr mais viva mettendo-lhe menos alvaiade, e depois se-trabalhará com carmin simples, primeiramente com muito pouco, e depois se-irá mettendo em maior quantidade para que a côr se-vá fortificando cada vez mais, e á medida que as sombras forem mais escuras: isto se-fará dando grandes pinceladas que sigão as voltas das folhas, depois do que se-irá trabalhando por cima com a mesma côr, dando traços pequenos e delgados, como se-vê na estampa; fação-se perder as sombras com

os claros, e realcem-se os claros maiores, e as extremidades das folhas mais claras com alvaiade, e um pouco de cãrmim. Quanto mais para o centro (*coeur*) estiverem as folhas da Roza mais vermelhas devem ser; e da mesma sorte as do lado da sombra devem ser mais escuras, que as do outro lado; misturando um pouco de anil para assombrar as exteriores, principalmente se as Rozas forem das muito abertas (*epanouies*), o que fará tambem que as primeiras folhas pareçam algum tanto murchas (*fanées*). A grãa (*grain*) que ellas tem no meio esboça-se com rom, misturando-lhe verde bexiga para as sombras.

Rozas rajadas.

§. V. As Rozas rajadas devem ser mais palidas e desmaiadas que as outras, para que os raios se-deixem vêr melhor; os quaes serão feitos com cãrmim um pouco mais escuro nas sombras, e muito claro nos claros.

Rozas brancas.

§. VI. As brancas se-farão com a primeira demão de alvaiade pouco encorpada, e se-esboção e acabão com a mistura de negro, alvaiade, e um pouco de bistre. A sua grãa será um pouco mais amarella que a das outras.

Rozas amarellas.

§. VII. As amarellas pintão-se com a primeira demão de massicote, dada geralmente: assombrão-se com rom, pedra de fel, e bistre, realçando os claros com massicote misturado com alvaiade.

Folhas verdes.

§. VIII. As folhas abortivas de cõr verde, os botões, e as do pé de toda a sorte de Rozas se-esboçãõ com verde-montanha misturado com um pouco de massicote para os claros, e rom para os escuros; e para assombrar se-junta verde de iris, mettendo menos das outras tintas onde as sombras forem fortes. O avêso das folhas deve ser mais azulado que o direito; por isso será esboçado com verde mar misturando-lhe verde-iris para as sombras, fazendo-lhe as veias mais claras, e as do direito mais escuras. Os espinhos das folhas que estão no alto dos botões, e os dos botões se-farão com pequenos toques de cãrmim por todos os lados; e os do pé serão esboçados com verde-montanha e cãrmim, e assombrão-se com cãrmim e bistre; o pé quanto mais para baixo mais avermelhado deve ser que a parte superior, para o que se-ajuntará cãrmim ou verde, e para as sombras bistre.

Tulipas rajadas.

§. IX. Como ha uma infinita variedade de Tulipas todas diferentes umas das outras, não se-póde dizer como se-farão todas: basta dizer sómente das mais bellas, que são as rajadas, cujos raios se-esboção com carmim, muito claro em umas partes, e mais escuro em outras acabando com as mesmas côres a pequenos traços todas, como se-vêm os raios. Para pintar outras se-dá a primeira demão com vermelhão, misturando-lhe carmim para o esbôço; e se-acabão com carmim puro. Para algumas se-usará de laca de Veneza por cima do vermelhão em lugar de carmim. Outras fazem-se com laca, e carmim misturados, com laca só, ou com alvaiade para as-esboçar; a laca póde ser ou de Veneza, ou de Columbia.

Tulipas rôxas.

§. X. Tambem as-ha rôxas, que se-esboção com ultramar, carmim, ou laca, umas mais avermelhadas, outras mais azuladas: o modo de fazer umas e outras he o mesmo: a differença he só nas tintas.

He necessario em algumas partes, como entre os raios de vermelhão, de carmim, ou de laca, metter algumas vezes côr azulada feita de ultramar e alvaiade, e outras vezes rôxa muito clara, o que tambem se-fará a traços, e se-acabará como o resto, confundindo éstas côres com os raios: algumas Tulipas tem éstas côres loiras, que se-fazem com laca, bistre, e ochra misturados; porém todas éstas diferentes manchas se-vêm em muito poucas Tulipas, porque só as-tem as que são mais finas e raras, e não as ordinarias.

Tulipas bordadas.

§. XI. Ha ainda outras chamadas bordadas, porque sendo de uma só côr no todo, tem na extremidade das folhas como uma ourella, ou debrum de outra côr diferente: umas são rôxas com a extremidade branca éstas esboção-se e assombrão-se com a mistura de ultramar, carmim, e alvaiade: a bordadura se deve reservar em branco; dando-lhe uma ligeira demão com alvaiade, se-assombra com muito pouco anil.

Outras são amarellas com a extremidade vermelha: esboção-se com rom, e assombrão-se com o mesmo, ajuntando-lhe ochra, e sombra de colonia, ou bistre; a bordadura faz-se com vermelhão, e assombra-se com muito pouco carmim.

Outras vermelhas bordadas de amarello esboção-se com vermelhão, e assombrão-se com vermelhão e carmim, ou laca misturados. O amarello esboça-se com rom; assombra-se com rom, pedra de fel de vacca, e sombra de colonia, ou bistre.

Outras são brancas bordadas de vermelho ; éstas serão assombradas com negro , azul , e alvaiade : o nanquim he muito bom para éstas sombras , que devem ser tenras e brandas ; elle por isso faz o mesmo effeito do azul com alvaiade misturados com outra tinta negra : a bordadura será feita com carmim.

A todas éstas sortes de Tulipas se-deixará um nervo no meio de cada folha mais claro que o resto : e as bordaduras não devem ser direitas como os raios : fação-se entrar ora mais , ora menos na côr da tulipa , usando de pequenos traços , e desiguaes , porque he necessario que ellas não pareção golpeadas.

Algumas tem o fundo da parte de dentro quasi como negro , este se-esboça e acaba com anil , e da mesma sorte a grãa : sendo elle amarello esboça-se com rom , e assombra-se misturando-lhe sombra de colonia , ou bistré.

As folhas , e o pé esboção-se ordinariamente com verde-mar : as sombras se-fazem com verde de iris a traços compridos ao longo das folhas. Tambem se-podem esboçar algumas com verde-montanha misturado com massicote , as sombras serão com verde bexiga , para que pareção de um verde mais amarellado.

Anémonas singellas.

§. XII. Ha muita sorte de Anémonas , tanto das dobradas como das singellas : éstas últimas ordinariamente não são raiadas ; umas são rôxas , e se-fazem com côr rôxa e alvaiade , assombrando-as com a mesma côr , umas mais avermelhadas , outras mais azuladas , ora mais claras , ora mais escuras. Outras se-esboção com laca e alvaiade , e se-acabão com a mesma côr , e com menos alvaiade ; e algumas tambem com laca sem alvaiade algum. Esboção-se outras com vermelhão , e com elle se-assombrão ajuntando-lhe carmim.

Tambem as-ha brancas , e outras côr de limão : éstas se-esboção com massicote , e se assombrão e acabão com vermelhão , como tambem as brancas , em lugar do vermelhão tambem com laca muito escura , principalmente no fundo perto da grãa ; ou tambem com uma côr quasi negra feita de anil , ou de negro e azul ; misturando para algumas um pouco de bistré , e trabalhando sempre com traços muito finos , fazendo perder os escuros com os claros. Ha outras que tem o fundo mais claro que o resto , e algumas vezes branco de todo , ainda que o resto da Anémoma seja escuro.

A grãa de todas éstas Anémonas se-faz com anil e negro , com muito pouco alvaiade , assombrando com anil puro , e em algumas se-realça com massicote.

As Anémonas são de muitas côres : as mais bellas tem as suas maiores folhas raiadas : os raios de umas se-fazem com vermelhão , ao qual se-ajuntará carmim para os-acabar , assombrando o resto

das folhas com anil ; e as pequenas folhas de dentro se-esboção com vermelhão e alvaiade ; assombrão-se com vermelhão e carmim , fazendo ora em uma parte , ora em outra alguns lugares mais escuros , especialmente no centro junto ás folhas grandes do lado da sombra : acabão se a pequenos traços com carmim , do mesmo modo que voltão os raios e as folhas. Os raios de outras se-esboção e acabão com carmim puro , e da mesma sorte as folhas pequenas , deixando com tudo no meio d'estas últimas um pequeno redondo , que sera esboçado de roxo escuro , fazendo-o perder com o resto : e depois de acabar se-darão toques com a mesma côr em roda das folhas pequenas , principalmente no lado da sombra , adoçando-os com a côr das grandes , cujo resto se-assombrará com anil ou negro. As folhas pequenas de algumas se-pintão com laca , ou com côr rôxa , ainda que os raios das grandes sejam de carmim. Ha outras cujos raios se-pintão com carmim pelo meio da maior parte das folhas grandes , tendo já posto vermelhão em alguns lugares , e fazendo perder estas côres com as sombras do fundo , que se-fará com anil e alvaiade : as folhas pequenas se-esboção com massicote ; assombrão-se com carmim muito escuro do lado da sombra , e muito claro da parte da luz , deixando ali ficar o massicote quasi puro , dando-lhe sómente alguns pequenos toques com ouro-pimenta e carmim , para separar as folhas , que se-poderão algumas vezes assombrar com um pouco de verde muito palido.

Anémonas dobradas.

§. XIII. Pintão-se as Anémonas dobradas todas vermelhas , e todas rôxas ; as primeiras com vermelhão e carmim , quasi sem alvaiade , e se-assombrão com carmim puro muito gommado , para que ellas fiquem muito escuras. As rôxas se-pintão com côr rôxa e alvaiade , e se-acabão sem alvaiade. Em fim ha-as dobradas como as singellas de todas as côres , que se-pintão do mesmo modo.

O verde de todas ellas he feito com verde-montanha misturado com massicote para o esbôço , o qual se-assombra e se-acaba com verde-bexiga : os pés serão um pouco avermelhados , para o que serão assombrados com carmim misturado com bistre , e algumas vezes com verde , depois de lhes-ter dado a primeira demão com massicote.

Cravos. (OEillet.)

§. XIV. Ha Cravos rajados , e de uma só côr : os primeiros se-rajão , uns com vermelhão , outros com carmim , outros com laca simples , pura , ou misturada com alvaiade : uns raios muito escuros , outros muito claros , e já grandes , já pequenos. Uns Cravos são brancos , e se-assombrão ordinariamente com anil e alvaiade.

Tambem os-lia côr de carne , muito palidos , e raiados com a mesma côr , porém mais forte , que se-fará com vermelhão e laca : outros que se-pintão com laca e alvaiade , assombrão-se , e raião-se sem alvaiade. Outros se-pintão com vermelhão e carmim , o mais escuro que poder ser , e são vermelhos de todo , sem raios. Outros pintão-se todos com laca ; em fim de muitos modos se-podem pintar , imitando sempre o natural.

O verde de todos se-faz com verde-mar ; assombra-se com verde de iris.

Jacintos.

§. XV. Os Jacintos são de quatro côres : azues algum tanto escuros , azues palidos , gordelem (*), e brancos. Os primeiros pintão-se com ultramar e alvaiade , assombrão-se e acabão-se com menos alvaiade. Os outros com as mesmas côres , porém muito mais palidas. Os terceiros esboçã-se com laca e alvaiade , e muito pouco ultramar a mesma côr mais forte serve para fazer as sombras. Os ultimos se-pintão dando a primeira demão com alvaiade , depois se-assombrão com negro e um pouco de alvaiade : todos se-acabão a traços que sigão o contôrno das folhas.

O verde dos azues he feito com verde-mar , assombrado com verde de iris muito escuro , misturando carmim para o verde dos azues mais escuros , para que fique avermelhado : o dos outros se-esboça com verde-montanha e massicote ; assombrão-se com verde bexiga.

Roza albardeira. (Pione. Poenia.)

§. XVI. Dê-se por toda uma demão com laca de Veneza e alvaiade , cuja côr seja forte ; assombre-se com menos alvaiade , e com nenhum nas sombras mais fortes : acabe-se com a mesma côr a traços , voltando-os como os da roza ajunte-se muita gomma para a maior força de escuro ; e os claros e borda das folhas , que forem mais claras , serão realçados com alvaiade , e um pouco de laca : fazem-se-lhes tambem pequenas veias parallelas , que se-deixem ver bem. O verde he verde-mar assombrado com verde de iris.

Primaveras.

§. XVII. As primaveras são de 4 ou 5 côres : umas são rôxas muito palidas , outras (†) outras brancas , outras amarellas.

(*) Melhor *grisdelim* , ou *gridelim* : he traducção de *grisdelin* fr. Redact.

(†) Julgamos que falta *grisdelins*. Redact.

As rôxas pintão-se com ultramar, carmim, e alvaiade : e para assombrar mettendo menos d'este último.

As de côr gordelem (*) se-esboção com laca columbina com muito pouco ultramar e muito alvaiade : a mesma côr mais forte serve para as sombras.

As brancas serão pintadas com alvaiade, assombradas com negro e alvaiade ; e acabando-as como as outras a traços.

O centro d'estas tres se-fará com massicote, em fórmula de estrella, que se-assombrará com rom, fazendo-lhe no meio um pequeno redondo com verde bexiga.

As primaveras amarellas se-esboção com massicote, assombrão-se com rom e sombra de colonia.

Os pés, as folhas, e os botões se-esboção com verde-montanha misturado com um pouco de massicote, e se-acabão com verde de iris, fazendo com ésta mesma tinta os lados, ou as veias, que apparecem sôbre as folhas, e realçando os claros das mais grossas com massicote.

Rainunculos.

§. XVIII. Os Rainunculos são de muitas sortes ; os mais bellos são a peonia, e os de côr de laranja : para os primeiros se-dará uma demão de vermelhão com muito pouco rom, e se-lhe-ajunta carmim para assombrar, acabando-os com carmim, e um pouco de pedra de fel. Para os outros se-póde usar de laca de Veneza em lugar de carmim, principalmente no centro. Os de côr de laranja se-pintão com uma demão de rom, e se-acabão com pedra de fel, vermelhão, e um pouco de carmim, deixando-lhes pequenos raios amarellos.

O verde dos pés he de montanha, e massicote muito palido, misturando-lhes verde de iris para assombrar : o verde das folhas deve ser um pouco mais escuro.

Flores de açafraão. (Crocus.)

§. XIX. São de duas côres : amarellas e rôxas ; as amarellas se-esboção com massicote, e pedra de fel, assombrão-se com rom e pedra de fel ; e depois em cada folha da parte de fóra se-farão tres raios, separados uns dos outros, e ao comprido com bistre e laca, sem alvaiade, fazendo-os perder em o fundo da côr com pequenos traços, e se-deixará o interior das folhas todo amarello.

As rôxas se-pintão com carmim misturado com um pouco de ultramar, e alvaiade muito palido : esboção-se e acabão-se com menos alvaiade, fazendo-lhes tambem os raios rôxos muito escuros em

(*) *Grisdelim*. Redact.

algumas flores, e em outras sómente pequenas veias : a grãa de todas he amarella, e se-fará com oiro pimenta e pedra de fel ; e a cauda se-esboça com alvaiade, assombra-se com negro e um pouco de verde.

O verde d'éstas flores esboça-se com verde-montanha muito palido ; assombra-se com verde-bexiga.

Lirios.

§. XX. O Lirio da Persia (*iris de Perse*) pinta-se dando nas folhas interiores uma demão de alvaiade, e assombrando-as com anil, e verde misturados, deixando uma pequena separação branca no meio de cada folha, e ás de fóra se-fará com a demão de massicote no mesmo lugar, e se-assombrará com pedra de fel e oiro pimenta, fazendo pequenos traços escuros e compridos por cima de toda a folha um pouco separados uns dos outros ; e no fim de cada folha se-farão grandes manchas com bistre, e algumas com laca, e outras com anil puro, porém muito escuras ; o resto e o exterior das folhas se-assombra com negro. O verde se-esboça com verde-mar, e massicote muito palido, e se-assombra com verde-bexiga.

O Lirio *de la Suzé* se-esboça com roxo e branco, mettendo mais carmim que ultramar ; e para as sombras, principalmente das folhas do meio, se-metterá menos alvaiade, e pelo contrário mais ultramar que carmim, fazendo-lhes as veias com ésta mesma cõr, e deixando no meio de cada folha por dentro uns pequenos nervos amarellos.

Alguns tem estes mesmos nervos nas primeiras folhas, cuja ponta sómente he mais azul que o resto.

Outros se-assombrão e acabão com o mesmo roxo mais avermelhado, e tem tambem os nervos do meio das folhas exteriores mais brancos, assombrados com anil.

Tambem os-ha amarellos, que se-esboção com oiro-pimenta e massicote, e se-assombrão com pedra de fel, e se-lhes-fazem as veias por cima das folhas com bistre.

O verde de uns e outros he verde-mar, misturado com um pouco de massicote para as caudas, e se-assombra com verde-bexiga.

Jasmim.

§. XXI. Faz-se com uma demão de alvaiade assombrando com negro e alvaiade, e no exterior das folhas se-lhe-mistura um pouco de bistre ; fazendo ametade ao comprido de cada folha, da mesma parte debaixo, algum tanto avermelhada com carmim.

Angelica. (Tubereuse.)

§. XXII. Pinta-se com alvaiade ; assombra-se com negro e bistre em partes ; e para a parte exterior das folhas se-mistura um pouco de carmim com o alvaiade para que fiquem avermelhadas, principalmente nas extremidades : a grã se-faz com massicote ; assombra-se com verde bexiga.

O verde será com verde-montanha , assombrado com verde de iris.

Elléboro.

§. XXIII. A flôr do Elléboro se-faz quasi do mesmo modo, isto he, a primeira demão com alvaiade, e se-assombra com negro e bistre, fazendo o exterior das folhas um pouco avermelhadas em algumas partes : a grã com verde escuro, e realça-se com massicote.

O verde he sujo, e se-esboça com montanha, massicote, e bistre, acabando-o com iris e bistre.

Lirio, Assucena, Flor de Liz.

§. XXIV. A primeira demão he de alvaiade, e se-assombra com negro e alvaiade : a grã se-faz com oiro pimenta e pedra de fel ; e o verde o mesmo que o das angelicas.

Galanthus nivalis. (Perce neige.)

§. XXV. E'sta planta, que florece no inverno, esboça-se e acaba-se como a flor de liz ; a grã he com massicote, assombrada com fel de vacca ; e o verde se-faz com verde-mar e iris.

Junquillo.

§. XXVI. O massicote he a primeira demão misturado com fel de vacca, e acaba-se com rom e fel de vacca. O verde esboça-se com verde-mar ; assombra-se com iris.

Narcizo.

§. XXVII. Todos os Narcizos amarellos dobrados e singellos se-fazem com uma demão de massicote, esboção-se com rom, e se-acabão misturando-lhe sombra de colonia ou bistre, reservando a bexiga ou empola (*cloche*), que está no meio, que se-fará com oiro-pimenta e fel de vacca, e que se-bordará com vermelhão e carmim.

Os brancos se-pintão com alvaiade, e se-assombrão com negro

e alvaiade , excepto a bexiga ou empola , que se-faz com massicote e rom. O verde he de mar , assombrado com o de iris.

Bemmequeres. Girasol.

§. XXVIII. A primeira côr será massicote , depois rom para o esbôço , e para assombrar se-lhe-mistura vermellião : e para os-acabar se-lhe-ajunta fel de vacca , e um pouco de carmim. O verde faz-se com montanha , assombra-se com o de iris.

Roza da India.

§. XXIX. Dê-se a primeira demão com massicote , e segunda com rom , depois esboce-se ajuntando-lhe fel de vacca , e se-acabe com ésta última tinta misturada , ajuntando-lhe bistre , e muito pouco carmim para maior fôrça de escuro.

Cravo da India.

§. XXX. Faz-se com uma demão de rom , com o qual se-ajuntará muito carmim , e um pouco de fel de vacca para as sombras ; deixando em roda das folhas uma pequena bordadura amarella de rom , muito palida nos claros e mais forte nas sombras : a grã assombra-se com bistre. O verde tanto das rozas , como dos cravos da India se-esboça com montanha , e se-acaba com o de iris.

Helianthus-annuus. (Soleil.)

§. XXXI. Esboça-se com massicote e rom ; acaba-se com fel de vacca e bistre. O verde he de montanha e massicote , assombrado com bexiga.

Malva dos Jardins. (Rose tremiere. [Passe-rose.]
Alcea rozea.)

§. XXXII. Faz-se como a Roza , e tambem o verde das folhas ; mas as veias devem ser com um verde mais escuro.

Cravos de Poeta , ou de Hespanha , Melindres. Cravinas.
(Genero de cravo.)

§. XXXIII. Fazem-se com uma demão de laca e alvaiade , assombrando-as com laca só , com um pouco de carmim para as últimas que serão depois pontoadas pelo todo com pequenos pontos redondos separados uns dos outros , e se-realçarão com alvaiade os pequenos filetes que tem no meio. Os verdes são de mar , e se-acabão com o de iris.

Saudade, ou suspiro. (Scabiosa atropurpurea. Scabieuse.)

§. XXXIV. Ha duas sortes de Escabiosas, vermelhas e rôxas : as folhas das primeiras se-esboção com laca de Veneza, e pouco alvaiade, e se-assombrão sem alvaiade, e para o meio, que he um botão grosso onde está a grã, se-esboçará e acabará com laca sem alvaiade, e um pouco de ultramar ou anil para o-fazer mais escuro ; depois se-farão por cima pequenos pontos brancos algum tanto compridos, e muito distantes uns dos outros, e mais brancos nos claros que nas sombras, fazendo-os com a direcção para todos os lados.

As outras se-pintão com rôxo muito desmaiado, tanto as folhas como o botão do meio, assombrando-os ambos com a mesma côr um pouco mais forte ; e em lugar de pontos brancos para fazer a grã se-farão roxos, e em roda de cadaüm se-fará um pequeno círculo, principalmente no botão. O verde he de montanha e massicote, assombrado com o de iris.

Gladiolus.

§. XXXV. Pinta-se com laca columbina e alvaiade muito palida ; esboça-se e acaba-se com laca pura em algumas partes, e em outras muito forte e escura ajuntando-lhe bistre para as sombras mais fortes. O verde he de montanha, assombrado com o de iris.

Marchantia. (Hepatique.)

§. XXXVI. Ou he vermelha ou azul ; ésta pinta-se com ultramar, alvaiade, e um pouco de carmim, ou laca, assombrando o interior das folhas com a mesma mistura, mas mais forte : excepto as da primeira ordem, para as quaes e para o exterior de todas, se-ajuntará anil e alvaiade, para que a côr seja mais palida e menos bella.

A vermelha pinta-se com laca columbina, e alvaiade muito palida, e se-acaba com menos alvaiadc. O verde se-faz com montanha e massicote, e um pouco de bistre : assombra-se com o de iris, e algum bistre para o exterior das folhas.

Flor de Romã.

§. XXXVII. Pinta-se com zarcão, assombra-se com vermelhão e carmim, e se-acaba com ésta última tinta. O verde he de montanha e massicote, assombrado com o de iris.

Flor de favas da India.

§. XXXVIII. Pinta-se com laca de Veneza e alvaiade, assom-

brando as folhas do meio com laca só, e ajuntando-lhe algum ultramar para as outras. O verde he de montanha, assombrado com o de iris.

Flor pombinha. (Aquilegia-Ancolse.)

§. XXXIX. E' estas flores são differentes na côr : as mais ordinarias são rôxas, gordelem, e vermelhas. As rôxas pintão-se com ultramar, carmim, e alvaiade, e se-assombrão com a mesma côr mais forte. As segundas da mesma sorte, porém o ultramar deve ser muito menos que o carmim. As vermelhas se-farão com laca e alvaiade, acabando-as com menos alvaiade. Tambem as-ha raia-das de muitas côres, que serão esboçadas e acabadas como as ou-tras, porém com côres mais fracas e palidas, fazendo-lhes os raios com côr mais forte e escura.

Pied d' Alovette. (Delphinium Ajacis.)

§. XL. Tambem são de côres differentes, e outras raia-das, e se-farão como a pombinha.

Violetas, e Amores-perfeitos.

§. XLI. Ambas se-pintão do mesmo modo, excepto que os Amores-perfeitos tem as duas folhas do meio mais azuladas que as outras, isto he, as extremidades, porque para o centro são ama-rellas, fação-se-lhes pequenas veias negras, que provehão do cen-tro, e môrrão no meio do amarello.

Dioenea. | Muscipula. (Attrape mouche.)

§. XLII. São de duas sortes : brancas ou vermelhas. E' estas se-pintão com laca e alvaiade, com um pouco de vermelhão, e se-acabão com laca pura; os botões, isto he, os tubos das folhas se-esboção com alvaiade, e muito pouco vermelhão, misturando-lhe bistre, ou fel de vacca para os-acabar.

As folhas das brancas pintão-se com alvaiade, ajuntando bistre e massicote sôbre os botões, que serão assombrados com bistre puro, e as folhas com negro e alvaiade. O verde de todas éstas flores he de montanha e massicote; assombra-se com o de iris.

Corôa Imperial.

§. XLIII. São de duas côres: amarellas e vermelhas, ou côr de laranja. As primeiras se-fazem com ouro pimenta, assombrando com fel de vacca, oiro-pimenta, e um pouco de vermelhão. As outras pintão-se com oiro-pimenta e vermelhão, as sombras com

pedra de fel e vermelhão, fazendo o princípio ou nascimento das folhas com laca e bistre muito escuro; e a umas e outras as veias ao comprido das folhas com ésta última mistura. O verde he de montanha e massicote, assombrado com o de iris e rom.

Cyclamen.

§. XLIV. A vermelha se-faz com carmim, um pouco de ultramar, e muito alvaiade, e se-acaba com a mesma côr mais forte; e a côr do meio das folhas deve ser de carmim quasi puro; e perto do centro da flor, e no resto se-ajuntará um pouco mais de ultramar. A outra se-pinta de branco, e se-assombra com negro: as hastes de ambas devem ser um pouco mais avermelhadas. O verde he de montanha e de iris.

Goivos.

§. XLV. São de muitas sôrtes: brancos, amarellos, rôxos, vermelhos, e raiados de diferentes côres. Os brancos pintão-se com alvaiade, assombrão-se com negro, e um pouco de anil no centro das folhas: os amarellos com massicote, rom, e fel de vacca: os roxos com roxo e alvaiade, e se-acabão com menos alvaiade, fazendo-lhes a côr mais clara no centro, e algum tanto amarellada. Os vermelhos com laca e alvaiade, acabando-os sem alvaiade. Os raiados pintão-se de branco, os raios se-farão roxos, cuja côr tenha muito ultramar, e em outros mais carmim: uns com laca ou carmim e alvaiade, outros sem elle, assombrando o resto das folhas com anil. A grã de todos se-esboça com verde-montanha e massicote, e se-acaba com o verde de iris. As folhas, e as caudas se-farão com o mesmo verde, misturando com elle verde de iris para acabar.

Seria impossivel dar fim a ésta Obra, que pertendo fazer pequena, se eu quizesse, e soubesse escrever o methodo de pintar todas as flores, assim como todos os mais objectos que a Pintura comprehende. Isto que tenho dito basta para metter no camiuho os principiantes, que devem olhar para a Natureza, como melhor Mestra; e elles podem com muita razão adoptar, ou abandonar o que lhes-parecer. Faça-se a coisa, consiga-se o fim pertendido, sejam os meios quaes forem.



<http://biblioteca.ciarte.pt>